

MATERIAL DIDÁTICO: “Pedrinhas Miudinhas”: o jongo no ensino de História



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
ESCOLA MUNICIPAL CEARÁ

Setembro / 2021



ANDRÉ LUIZ COUTINHO GOMES

MATERIAL DIDÁTICO: “Pedrinhas Miudinhas”: o jongo no ensino de História



MATERIAL DIDÁTICO

Elaboração: André Luiz Coutinho Gomes

Orientação: Aline Montenegro

**Dissertação de Mestrado – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Centro de Ciências Humanas e Sociais – CCH/ Escola de História/Programa de
Mestrado Profissional em Ensino de História – PROFHISTÓRIA**

**Rio de Janeiro
2021**

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	4
1 EIXO: AS MATRIZES DO JONGO.....	8
Bloco: Material de Apoio - As Comunidades Jongueiras.....	9
Bloco: Atividades.....	25
Material de apoio 17.....	29
Bloco: Atividades 2.....	30
2 EIXO: CAVUCANDO NA ANGOMA.....	36
Bloco: Material de Apoio.....	37
Bloco Atividades	43
3 EIXO: CUMBAS – MESTRES DA PALAVRA.....	58
Bloco: Material de Apoio.....	59
Bloco: Atividades.....	64
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	69

APRESENTAÇÃO



Prezado professor,

O presente material didático é parte da dissertação de mestrado: *Vamos Dançar o Caxambu? O jongo na escola e o ensino de História* e está dividido em três eixos: o primeiro - *As Matrizes do Jongo* - aborda a localização das comunidades jongueiras espalhadas pelo Sudeste, a partir das comunidades que fazem parte dos Pontões de Cultura do Jongo/Caxambu, programa desenvolvido pela Universidade Federal Fluminense, em parceria com quinze comunidades jongueiras do Sudeste e a Rede de Jovens Lideranças Jongueiras do Sudeste. Além disso, busca reconhecer os territórios da matriz como a África Central, disponibilizando mapas, QRCODE, pontos de jongs, textos jornalísticos e demais links de páginas especializadas com seus vídeos em geral disponíveis pela plataforma *YouTube*.

No segundo eixo – *Cavucando na Angoma* – abordamos o que é cantado, dito e criticado nos pontos e em seus conjuntos, entremeados pela corporeidade e circularidade, discutindo com o discente a relevância da prática na escola a partir de fotografias e da legislação em diferentes temporalidades, relacionando e estabelecendo paralelos entre os próprios pontos e seus respectivos tempos históricos. No terceiro eixo – *Cumbas: Mestres da Palavra* – destacamos os jongueiros enquanto sujeitos históricos, abordando e destacando quem são eles: lideranças, artistas, associações e agremiações que se destacaram, de alguma forma, a partir das matrizes do jongo como os afro-sambas, o partido-alto, as escolas de samba e as associações da estiva, considerado um dos primeiros sindicatos do Brasil. Reforçamos o caráter associativista do jongueiro, criticando a narrativa da mera aceitação paternal, a partir de textos jornalísticos, teses, fragmentos de livros, páginas das agremiações, fotografias, textos jurídicos etc.

O material, assim como nas *Caixas do Samba* (Guedes, 2018), conta com as referidas fichas divididas em eixos que trabalham as dimensões elaboradas pela pesquisadora Miriam Hermeto em *Canção Popular Brasileira e Ensino de História: palavras, sons e tantos sentidos*, ou seja, para analisar a música popular enquanto fonte de pesquisa, as fichas foram divididas em cinco dimensões – dialógica, sensível, descritiva, explicativa e material. Embora, o trabalho das fichas a partir dos fragmentos apresente algumas contradições, pois Hermeto aborda a perspectiva do popular, afastamo-nos dessa dimensão por compreender que essa silencia os saberes dos próprios sujeitos. Além disso, seu trabalho possui competências voltadas para o Ensino Médio. No lugar da perspectiva da contribuição, muito cara à dimensão folclórica ou popular, abordamos a cultura do jongo sob o viés de quem eram e o que demandavam literalmente os jongueiros, dentre as possibilidades de identidade negra. De tal modo, esse material é voltado ao último ciclo do Ensino Fundamental, o que não impede de discutirmos, no espaço escolar, a importante contribuição de Hermeto no trabalho com as fontes e fragmentos.

Bastante similar ao conceito de cultura acústica (LOPES, 2004), Hermeto nos mostra o quanto a mesma letra inserida em determinada cultura musical, se cantada por diferente gênero, pode receber um significado completamente diferente, fato que faz muitos musicólogos serem reticentes às variações de uma canção. Assim, critica o fato de a maior parte das estratégias pedagógicas correntes no ensino de História conceber a música popular como mera ilustração, de acordo com o que já fora destacado por Boulos, a respeito do trato com as fontes. Dessa forma, mais do que abordar a posição política do artista, torna-se necessário construir estratégias para a relação entre letra e melodia, por meio da qual se constituem diferentes sentidos para uma narrativa: “é muito diferente dizer “teu olhar mata mais do que bala de carabina/Que veneno estricnina/Que peixeira de baiano” no ritmo original do samba de Adoniran Barbosa, num bolero ou num roque pesado” (HERMETO, 2012).

Dessa maneira, pretendemos abordar a cultura do jongo a partir de fontes, de modo a não ser meramente ilustrativo, mas sob a perspectiva das dimensões elaboradas por Hermeto e assim resumidas por Rafael Guedes no *Guia Didático de Negritude e Sambas enredo no Carnaval de 1988: a Caixa do Samba e os G.R.E.S. Beija-Flor, Mangueira, Tradição e Vila Isabel em interface com o ensino de história:*

Dimensão Dialógica	• Analisar quais fontes foram utilizadas para a construção do texto e quais referências culturais foram utilizadas na construção da narrativa histórica. • Acrescentar textos e fontes de outra natureza que confrontem ou corroborem a versão histórica apresentada no texto.
Dimensão Sensível	• Identificar que tipo de sentimentos que se expressam na voz do narrador; • Identificar que tipo de sentimentos que mobilizaram o autor do documento a produzi-lo; • Identificar que tipo de sentimentos e sensações o documento pretende causar no seu público preferencial; • Identificar que tipo de sentimentos e sensações pode causar em um público que tome contato com ela em diferentes contextos de “leitura”.
Dimensão Descritiva	• Identificar qual é o tema do texto, a que fatos ou processos históricos se referem. • Identificar quem são os sujeitos da ação. • Identificar o tempo em que a ação se passou. • Discorrer sobre como esses elementos básicos se relacionam na narrativa histórica em questão.
Dimensão Explicativa	• Compreender qual é o lugar social de produção do texto (autor, contexto e procedimentos metodológicos envolvidos na produção); • Entender qual é a visão histórica apresentada para o tema; • Analisar o tema a partir de conceitos históricos pertinentes à investigação.
Dimensão Material	• Compreender como o autor utiliza as especificidades do suporte em que o documento se encontra para transmitir suas ideias; • Utilizar os recursos da fonte trabalhada para a construção da análise histórica.
FONTE: Adaptado por Rafael Guedes (pp. 139 e169) a partir de (Hermeto, 2012).	

Como a abordagem do jongo neste trabalho não está inserida no viés de um gênero ou cultura musical, apenas, trataremos sob a perspectiva de como foram reconstruídas e ressignificadas as próprias existências de uma parcela dos sujeitos negros em suas memórias e identidades. É importante nos referirmos também à proposta de uso de textos e imagens em sala de aula, através de um organograma. Assim, Circe Bittencourt lembra-nos que fazer a análise e comentário de um documento, ou fragmento, corresponde a descrevê-lo, isto é, destacar e indicar as informações que ele contém para explicar o documento, associar essas informações aos saberes anteriores, situar o documento no contexto e em relação ao seu autor para chegar a identificar os limites e o interesse do documento, ou seja, criticá-lo. Além,

claro, identificar a natureza desse documento e explorar essa característica, mobilizando os saberes e conhecimentos prévios (BITTENCOURT, 2004, p. 234).

Embora tenhamos preferido, no lugar de documento, a dimensão de fragmento histórico ou, como bem nos diz Simas, em referência ao Caboclo da Pedra Preta – as “Pedrinhas Miúdinhas de Aruanda”, a perspectiva trazida por Bittencourt complementa essa dimensão abordada no material didático.

EIXO: AS MATRIZES DO JONGO

Nesse primeiro eixo, trabalhamos a partir do registro de quinze diferentes comunidades que fazem parte do *Pontão de Cultura do Jongo/Caxambu*, além da Rede de Jovens Lideranças Jongueiras do Sudeste. Com o objetivo de articular e fortalecer as comunidades jongueiras, o programa procura mediar e atender necessidades e demandas das comunidades pertencentes aos "territórios jongueiros". “Constituindo-se como um campo de investigação sobre a cultura e a identidade negra para a construção de um projeto coletivo de salvaguarda de um bem registrado como Patrimônio Cultural do Brasil”¹.

Entendendo os saberes praticados como sujeitos do conhecimento, abordamos aqui a necessidade de identificação desses territórios que são as matrizes remanescentes do jongo, através de mapas e descrições das comunidades por diferentes fontes. Dessa forma, a partir da proposta apresentada pelo material, após observar os fragmentos de identificação das comunidades, o aluno preenche uma ficha de análise, que o auxiliará em outros momentos e nas demais atividades. Além de consistir em um registro da própria ação pedagógica, ao buscar identificar a partir dos elementos estruturais dos diferentes tipos de textos, dos pontos e dos territórios e regiões descritas nas fichas, o aluno exerce, assim, o seu próprio protagonismo no processo de pesquisa. Entrevistas, depoimentos, ilustrações, pontos, performances através de documentários e animação levam a ter uma aproximação com o ofício de historiador também pela experiência da oralidade e da tradição acústica.

É importante pensarmos que, para além dos espaços e das temporalidades, o aluno poderá reconhecer essas matrizes a partir de diferentes territórios como o continente africano, quilombos rurais e urbanos, palcos, favelas, cidades da capital e do interior etc., trabalhando os objetivos das dimensões descritiva, explicativa e material descritas acima, propostas por Hermeto.

¹ Disponível em: <http://www.pontaojongo.uff.br/acao-coletiva> Acessado em: 22/08/2021.

	
EIXO: AS MATRIZES DO JONGO	
MATERIAL DE APOIO 1: AS COMUNIDADES JONGUEIRAS	
PONTÃO DE CULTURA JONGO/CAXAMBU REGIÃO METROPOLITANA DO RIO DE JANEIRO	
PONTO DA COMUNIDADE: <i>“Preta velha jongueira Levantando com o seu tabiado Meu caxambu está lhe chamando Sinto a poeira do chão Aê vovó, caxambu tá no terreiro Vai caminhando com o seu tabiar Minha vovó benzeu no tambu Como é lindo vovó O rufar do candongueiro!”</i> (Lazir Sinval) Acesse o QRCODE abaixo e assista a um documentário sobre a Comunidade do Jongo da Serrinha e um tributo ao Mestre Darcy: Fonte: https://www.youtube.com/watch?v=pLO6KWgmPB0 Acessado em: 08/08/2021.	BREVE HISTÓRICO: O grupo Jongo da Serrinha foi fundado há cerca de 40 anos pela lendária Vovó Maria Joana Rezadeira e seu filho Mestre Darcy do Jongo. Ao perceberem que o último núcleo de Jongo da cidade do Rio estava se extinguindo, Mestre Darcy e sua mãe resolveram levar a antiga dança de roda, praticada nos quintais, para os palcos. Criaram um espetáculo como estratégia de divulgação do ritmo e quebraram um tabu: permitiram a entrada de crianças e jovens na roda antes reservada somente para os mais velhos. A associação Grupo Cultural Jongo da Serrinha (GCJS) foi criada em 2000, pelos antigos alunos e descendentes de Mestre Darcy, com o objetivo de dar continuidade aos trabalhos de preservação e divulgação do patrimônio histórico do Jongo e assistência social, desenvolvidos há mais de 40 anos por Vovó Maria Joana Rezadeira e Mestre Darcy do Jongo.
Comunidade: Jongo da Serrinha, Madureira, Rio de Janeiro/RJ.	Referências: jongo; Darcy; Serrinha; Vovó Maria Joana Rezadeira.
Fonte: http://www.pontaojongo.uff.br/jongo-da-serrinha-madureira-rio-de-janeiro/rj Acessado em: 28/07/2021.	

	
EIXO: AS MATRIZES DO JONGO	
MATERIAL DE APOIO 2: AS COMUNIDADES JONGUEIRAS	
PONTÃO DE CULTURA JONGO/CAXAMBU REGIÃO DA COSTA VERDE	
PONTO DA COMUNIDADE: <i>“O tatu cavuca muito É bicho da unha dura, Ô minha gente venha ajudar essa criatura”</i> (Celina da Silva Adriano) Assista ao documentário – "Passados Presentes: memória negra no sul fluminense" que coloca em destaque a vigorosa tradição oral de descendentes de escravizados nos antigos domínios da família Souza Breves na região Sul do estado do Rio de Janeiro (Bracuí e Pinheiral), que protege do esquecimento informações sobre o tráfico ilegal de africanos e sobre experiências de antepassados cativos e libertos. Acesse o QR CODE:  Disponível: https://www.youtube.com/watch?v=-D629WbeRVU&t=1906s Acessado em: 08/08/2021.	BREVE HISTÓRICO: A comunidade do Quilombo Santa Rita do Bracuí criou, no ano de 2005, a ARQUISABRA - ASSOCIAÇÃO DE REMANESCENTES DO QUILOMBO SANTA RITA DO BRACUÍ. A Associação representa aproximadamente 250 famílias e é fruto do esforço e da organização da comunidade na luta pela titulação de suas terras. Procura valorizar a memória e as tradições por meio do jongo, com a referência de seus mestres, com as atividades do grupo de jongo da comunidade, e com o trabalho das oficinas desenvolvidas com as crianças e com os jovens. A ARQUISABRA luta contra o preconceito e o racismo, com a realização de reuniões periódicas na comunidade, com o encontro anual da Consciência Negra, e com o trabalho de fortalecimento da identidade negra e quilombola. Com o projeto “Pelos Caminhos do Jongo” passaram a integrar a rede nacional de Pontos de Cultura.
COMUNIDADE: ARQUISABRA – Associação de Remanescentes do Quilombo Santa Rita do Bracuí, Angra dos Reis/RJ.	Referências: Bracuí; jongo; Breves e Pinheiral.
Fonte: http://www.pontaojongo.uff.br/jongo-do-bracui-angra-dos-reisrj ; http://observatoriodopatrimonio.com.br/site/index.php/itens-de-patrimonio/jongo Acessados em: 28/07/2021; .	

	
EIXO: AS MATRIZES DO JONGO	
MATERIAL DE APOIO 3: AS COMUNIDADES JONGUEIRAS	
PONTÃO DE CULTURA JONGO/CAXAMBU SUL FLUMINENSE / VALE DO PARAÍBA	
PONTO DA COMUNIDADE: <i>"Nasci n'Angola Angola que me criou Eu sou filho de Moçambique Eu sou Negro sim Senhor"</i> (José Maria) Conheça o Kota Manoel Seabra, liderança do Quilombo São José da Serra. Acesse o QR CODE:  Disponível: https://www.youtube.com/watch?v=fBZUseBqYvA&t=1s Acessado em: 08/08/2021.	BREVE HISTÓRICO: Desde a chegada dos negros escravizados na fazenda em 1850, a comunidade do Quilombo São José da Serra tem sua história perpassada pelo combate ao preconceito racial e a intolerância religiosa e, após a Abolição, somaram-se a resistência e luta constante pelo direito à terra. No dia 20 de novembro de 2009, os moradores do quilombo conquistaram o título das terras da fazenda, porém a lentidão do Estado na garantia desse e de outros direitos constitucionais não possibilitou a posse efetiva das terras até o momento. O jongo na comunidade tem sido uma importante ferramenta na difusão e na afirmação da identidade afro-brasileira. A partir dela, os moradores têm feito palestras em escolas e recebido visitas no quilombo como forma de reforçar a luta da comunidade negra pelos seus direitos.
COMUNIDADE: Jongo do Quilombo São José, Valença/RJ.	Referências: Manoel Seabra; jongo; São José da Serra; quilombo.
Fonte: http://www.pontaojongo.uff.br/jongo-do-quilombo-sao-jose-da-serra-valencarj Acessado em: 28/07/2021.	

	
EIXO: AS MATRIZES DO JONGO	
MATERIAL DE APOIO 4: AS COMUNIDADES JONGUEIRAS	
PONTÃO DE CULTURA JONGO/CAXAMBU SUL FLUMINENSE / VALE DO PARAÍBA	
PONTO DA COMUNIDADE: <i>“Pai Divino Espírito Santo, primeiro que sai na guia eu vim saravá terreiro Com Deus e a Virgem Maria” (Mestre Cabiúna)</i> Assista ao documentário <i>Eu Venho de Longe</i> de Pedro Simonard e conheça a história do jongo em Pinheiral e seus sujeitos históricos. Para isso, aponte a câmera do seu celular ao QRCODE abaixo:  Disponível: https://www.youtube.com/watch?v=FkINbw_c9m4 Acessado em: 14/08/2021.	BREVE HISTÓRICO: O Grupo Jongo de Pinheiral, formado por moradores da comunidade, mantém viva essa expressão de origem africana deixada pelos negros escravizados da Fazenda São José dos Pinheiros, berço histórico de Pinheiral. Fundado em 1996, com o objetivo de preservar a dança de jongo e aprimorar a biblioteca cultural afro brasileira na região, o CREASF “Centro de Referências e Estudos Afro do Sul Fluminense”, integra a rede de Pontos de Cultura, desenvolvendo atividades em escolas e articulando outros grupos de cultura popular da região.
COMUNIDADE: Centro de Referência de Estudo Afro do Sul Fluminense (CREASF), Jongo de Pinheiral.	Referências: Jongo; Pinheiral; Educação; Cabiúna.
Fonte: http://www.pontaojongo.uff.br/jongo-de-pinheiralrj ; http://observatoriodopatrimonio.com.br/site/index.php/itens-de-patrimonio/jongo Acessados em: 28/07/2021.	

	
EIXO: AS MATRIZES DO JONGO	
MATERIAL DE APOIO 5: AS COMUNIDADES JONGUEIRAS	
PONTÃO DE CULTURA JONGO/CAXAMBU SUL/FLUMINENSE / VALE DO PARAÍBA	
PONTO DA COMUNIDADE:	BREVE HISTÓRICO:
<i>“Bate tambor grande Repinica candongueiro, Barra de Piraí ainda é terra de jongueiro” (Eva Lucia de Moraes Faria Rosa)</i>	A Associação Cultural Sementes D'África foi criada em setembro de 2007 e é formada por integrantes de dois antigos grupos de jongo da cidade: Caxambu do Tio Juca (comunidade do bairro da Caixa D'água Velha) e Filhos de Angola (comunidade do bairro da Boca do Mato). Integra a rede de Pontos de Cultura com o projeto “Jongo – História, Sabedoria e Identidade Negra”. Tem como objetivo divulgar e preservar o jongo de Barra do Piraí, com atividades voltadas à transmissão dos saberes e práticas da cultura jongueira e à valorização do jongo, como expressão cultural brasileira de matriz africana. O jongo hoje proporciona a solidariedade comunitária e o orgulho de um patrimônio compartilhado.
COMUNIDADE: Associação Cultural Sementes D'África, Jongo de Barra do Piraí.	Referências: Jongo; Barra do Piraí; Tio Juca; Sementes D' África; Eva Lucia; Moraes Rosa.
Fonte: http://www.pontaojongo.uff.br/jongo-de-barra-do-pirairi Acessado em: 28/07/2021.	

	
EIXO: AS MATRIZES DO JONGO	
MATERIAL DE APOIO 6: AS COMUNIDADES JONGUEIRAS	
PONTÃO DE CULTURA JONGO/CAXAMBU SUL FLUMINENSE / VALE DO PARAÍBA	
PONTO DA COMUNIDADE: <i>A benção pra papai A benção pra mamãe também Olha que eu não sou malcriado pra ninguém Lerelerelerelere ô lerelerelerelere</i> Vamos assistir ao episódio do Programa <i>Acontece Regional</i> da Band Rio Interior para conhecer um pouco do jongo no distrito de Arrozal em Pirai/RJ e o trabalho de Edgard Camilo. Mire a câmera de seu telefone no QRCODE abaixo:  Disponível: https://www.youtube.com/watch?v=9T-qZXiLWjc Acessado em: 14/08/2021.	BREVE HISTÓRICO: O grupo de jongo da Fazenda da Cachoeira de Arrozal retomou oficialmente suas atividades em 2003. Esse resgate é um sonho do mestre e líder Edgard Camilo, que presenciou muitas rodas de jongo na sua infância e juventude, coisas que ficaram na sua memória e que, quando teve oportunidade e incentivo, colocou em prática. O grupo tem origem nas famílias descendentes dos antigos negros escravizados da Fazenda da Cachoeira, tendo como marca o ano de 1895, com os seguintes jongueiros: Ismael Teixeira, Apolinário Sérgio, Antonio Fidelis, Bertolino Camilo, José de Fátima, Vitor Honório, Benedito Ribeiro, Francisco Telis, Dona Benta, Geraldino, Manoel Lourenço, Dona Rosária, Marciano Vieira e outros mais. A partir desses, o jongo vem sendo passado de geração a geração até os dias de hoje. A composição atual do grupo é formada pelos seus descendentes, netos e bisnetos.
Comunidade: Jongo de Arrozal, Pirai/RJ.	Referências: Jongo; Arrozal; Edgard Camilo.
Fonte: http://www.pontaojongo.uff.br/jongo-de-arrozal-pirairj Acessado em: 28/07/2021.	

	
EIXO: AS MATRIZES DO JONGO	
MATERIAL DE APOIO 7: AS COMUNIDADES JONGUEIRAS	
PONTÃO DE CULTURA JONGO/CAXAMBU SUL FLUMINENSE / VALE DO PARAÍBA	
PONTO DA COMUNIDADE: <i>Ô, mãe África Ai, que saudade de ti Eu vou morrer de saudade Ô, mãe África Da terra aonde eu nasci</i> Vamos conhecer um pouco da força vital de Mestre Cacalo da comunidade de Vassouras-RJ. Cacalo nos deixou em outubro de 2015, mas sua referência continua para a juventude jongueira de todas as comunidades do Sudeste. Acesse pelo seu celular o QRCODE abaixo:  Disponível: https://www.youtube.com/watch?v=57SLX7R_yuo&t=213s Acessado em: 15/08/2021.	BREVE HISTÓRICO: O grupo “Caxambu Renascer de Vassouras” é fruto de um trabalho de fortalecimento da identidade afro-brasileira, desenvolvido ao longo de anos na comunidade vassourense. Seus membros fundadores são descendentes de antigos jongueiros que viam seus pais e seus avós entoarem cânticos que falavam do cotidiano, da opressão, dos desafios da magia da vida, da brincadeira e da alegria. Seu José Bolero e Dona Rosa Gama ensinaram aos filhos as cantigas e a dança do Caxambu ou Jongo, aprendidas com antepassados mais distantes. Na década de 1990, os filhos do casal organizaram junto com Ieda Conceição, militante da Cultura Negra em Vassouras, e outros membros da comunidade do bairro da Residência festividades em que passam a dançar o Jongo exatamente como seus pais faziam. Os grupos de Cultura Popular do Médio Paraíba mantiveram-se por essa criativa capacidade de resistência e por uma eficiente rede de transmissão oral das tradições que contribuiu para o fortalecimento da cultura popular na região.
Comunidade: Caxambu de Vassouras / RJ.	Referências: Jongo; Vassouras; Médio Paraíba.
Fonte: http://www.pontaojongo.uff.br/caxambu-de-vassourasrj ; http://observatoriodopatrimonio.com.br/site/index.php/itens-de-patrimonio/jongo Acessados em: 28/07/2021.	

COMUNIDADES DO NOROESTE FLUMINENSE

	
EIXO: AS MATRIZES DO JONGO	
MATERIAL DE APOIO 8: AS COMUNIDADES JONGUEIRAS	
PONTÃO DE CULTURA JONGO/CAXAMBU NOROESTE FLUMINENSE	
PONTO DA COMUNIDADE:	BREVE HISTÓRICO:
<i>“Quero ver quem derruba o pau Sem mexer com a minha família Quero ver quem derruba o pau Sem mexer com a minha família”.</i> (Dona Aparecida Ratinho)	O Caxambu de Miracema mantém sua tradição por iniciativa do próprio grupo, que tem Dona Aparecida Ratinho como mestra. Ao longo dos anos e de suas atividades, o Caxambu resistiu. Apesar de ainda enfrentar o preconceito racial e a intolerância religiosa, o grupo luta pela manutenção dessa atividade cultural, investindo na formação de jovens lideranças jongueiras e na valorização da identidade negra na comunidade do Morro do Cruzeiro. Dentre as principais atividades que o Caxambu de Miracema desenvolve estão rodas semanais, oficinas com crianças e jovens, apresentações e o trabalho em escolas e em eventos na cidade e na região.
COMUNIDADE: Associação Senzala de Caxambu, Miracema/RJ.	Referências: Miracema; Caxambu; Morro do Cruzeiro; Aparecida Ratinho.
Fonte: http://www.pontaojongo.uff.br/caxambu-de-miracemarj Acessado em: 28/07/2021.	



EIXO: AS MATRIZES DO JONGO	
MATERIAL DE APOIO 9: AS COMUNIDADES JONGUEIRAS	
PONTÃO DE CULTURA JONGO/CAXAMBU NOROESTE FLUMINENSE	
PONTO DA COMUNIDADE: <i>“Quem chorô de madrugada foi vó Cambina Feitor tá perguntando com a dor da chibata”</i> (Kascão)	BREVE HISTÓRICO: O Grupo de Caxambu Michel Tannus realiza reuniões e rodas quinzenalmente. Seu Joaquim, mestre da cultura popular da região, é o mestre do Caxambu e responsável pelo trabalho com o grupo. Além de promover o jongo, o Caxambu Michel Tannus se articula com outras expressões culturais da região.
Comunidade: Grupo de Caxambu Michel Tannus, Jongo de Porciúncula/RJ.	Referências: Pontão de Cultura Jongo/Caxambu-UFF.
Fonte: http://www.pontaojongo.uff.br/jongo-de-porciuncularj Acessado em: 28/07/2021.	

	
EIXO: AS MATRIZES DO JONGO	
MATERIAL DE APOIO 10: AS COMUNIDADES JONGUEIRAS	
PONTÃO DE CULTURA JONGO/CAXAMBU NOROESTE FLUMINENSE	
PONTO DA COMUNIDADE: <i>“Eu vou-me embora O meu nome fica aqui, Ô gente, fica com Deus, Vocês cuidam dele aí”.</i> (Seu Orozimbo e Nico Thomaz)	BREVE HISTÓRICO: Em Santo Antônio de Pádua, o Jongo é conhecido como Caxambu, devido ao tambor de mesmo nome. O nome do grupo, Caxambu Sebastiana II, é uma homenagem a Dona Sebastiana II, que dedicou seu século de vida à manutenção do Caxambu na cidade. A influência dessa grande mestra na vida de pelo menos duas gerações é percebida pela memória das reuniões do grupo em frente à casa de D ^a Sebastiana, de onde saía um cortejo com a imagem de São Benedito, que era levada até o Cruzeiro às margens do Rio Pomba, onde o Caxambu era dançado noite adentro. Dona Sebastiana herdou a tradição do Caxambu de seus padrinhos, Tia Joana e Seu Clementino, recebeu os instrumentos por eles confeccionados ainda no final do século XIX. Esses tambores são até hoje utilizados pelo grupo, que os batizaram com o nome de seus antigos donos: o tambú chama-se Joana, e o candongueiro, Clementino. A eles junta-se o Cuicão, enorme cuíca construída a partir de um tonel de vinho encourado com couro de cabeça de boi, tendo ao centro do couro um bastão de madeira (cabo de vassoura) que, friccionado com pano úmido, produz ronco profundo. Esse instrumento foi confeccionado pelo Sr. Gavino, de Monte Alegre, distrito de S.A. de Pádua, em 1975. Atualmente o Caxambu é também dançado nas festas juninas e nas comemorações da cidade e da região.
Comunidade: Caxambu de Pádua, Grupo Sebastiana II.	Referências: Caxambu; Santo Antônio de Pádua; Sebastiana II.
Fonte: http://www.pontaojongo.uff.br/caxambu-de-padua Acessado em: 28/07/2021.	

COMUNIDADE JONGUEIRA DA ZONA DA MATA MINEIRA

	
EIXO: AS MATRIZES DO JONGO	
MATERIAL DE APOIO 11: AS COMUNIDADES JONGUEIRAS	
PONTÃO DE CULTURA JONGO/CAXAMBU	
ZONA DA MATA MINEIRA	
PONTO DA COMUNIDADE: <i>“Vem minha gente, Reverenciar o tambor, Vamos dançar o jongo, Porque o povo já chegou.”</i> (Maria Nossa)	BREVE HISTÓRICO: Em Carangola, há 03 grupos de Caxambu: o grupo da Maria Nossa, no Bairro de Santo Onofre; o grupo do Seu Arlindo, no Bairro da Caixa D'água; e o grupo do Louzada, no Bairro Triângulo. O Caxambu é uma cultura que vem de raiz e seus integrantes querem preservá-la. Se mantém há muitos anos com a ajuda mútua entre os integrantes dos grupos. Eles fazem festas, eventos, palestras sobre Jongo/Caxambu, visitam outras comunidades e reúnem-se aos finais de semana.
COMUNIDADES: Maria Nossa, Seu Arlindo e Louzada. Caxambu de Carangola/MG.	Referências: Caxambu; Carangola; Zona da Mata; Maria Nossa; Seu Arlindo; Louzada.
Fonte: http://www.pontaojongo.uff.br/caxambu-de-carangolamg Acessado em: 28/07/2021.	

COMUNIDADES JONGUEIRAS DE SÃO PAULO

	
EIXO: AS MATRIZES DO JONGO	
MATERIAL DE APOIO 12: AS COMUNIDADES JONGUEIRAS	
PONTÃO DE CULTURA JONGO/CAXAMBU CAMPINAS / SP	
PONTO DA COMUNIDADE: <i>"E quando você dança jongo Pisa na tradição"</i> (Jongo Dito Ribeiro) Que tal acessar o QRCODE para ter uma experiência festiva encantadora do Arraiá afro julino devotado a São Benedito.  Disponível: https://www.youtube.com/watch?v=XStmfZv1T24 Acessado em: 15/08/2021.	BREVE HISTÓRICO: A Comunidade Jongo Dito Ribeiro consiste em um grupo de pessoas e familiares que reconstituem e vivem a cultura do jongo através da memória de Benedito Ribeiro, que foi festeiro de São João e devoto de São Benedito. Nascido no ano de 1905 em Caldas, Minas Gerais, e em 1932 já casado com a campineira Benedita Neves Baltazar, foi para a cidade de Campinas/SP, onde manteve a tradição recebida de seus pais, realizando rodas de jongo quando reunia os amigos. Em sua homenagem, foi batizada a Comunidade Jongo Dito Ribeiro, que, desde o ano de 2000, sob liderança de Alessandra Ribeiro, neta de Dito Ribeiro, realiza seus trabalhos de reconstituição e permanência do jongo no município. Com a perspectiva de manter viva a chama de sua descendência, com base nessa importante manifestação da cultura popular afro-brasileira, elemento de identidade, resistência e união para a Comunidade, desenvolvem o projeto “Duas Marias e Uma Edite” na Fazenda Roseira, agora, integrados à rede de Pontos de Cultura.
COMUNIDADE: Jongo Dito Ribeiro, Campinas/SP	Referências: Dito Ribeiro; Campinas; Fazenda Roseira.
Fonte: http://www.pontaojongo.uff.br/jongo-da-serrinha-madureira-rio-de-janeiro/ Acessado em: 28/07/2021.	

	
EIXO: AS MATRIZES DO JONGO	
MATERIAL DE APOIO 13: AS COMUNIDADES JONGUEIRAS	
PONTÃO DE CULTURA JONGO/CAXAMBU	
PIQUETE / SP	
PONTO DA COMUNIDADE: <i>“Bandolê , Olê , Olé Bandoleia , Jongueiro Bandolê , Olé , Olá Bandolê , Olé , Olá”</i> (Domínio Público) Conheça o trabalho de reconstituição do jongo na cidade de Piquete, interior de São Paulo, através do depoimento de Mestre Gil, acessando o QRCODE:  Disponível: https://www.youtube.com/watch?v=EiAr1dYFa-c&t=35s Acessado em: 15/08/2021.	BREVE HISTÓRICO: O jongo em Piquete se concentra na Vila Eleotério, bairro para onde se expandiu a população afrodescendente do vizinho bairro da Raia, que recebeu muitos negros libertos após a Abolição. De crianças com menos de 10 anos a adultos acima dos 40, cerca de 60 jongueiros estão revivendo pontos e passos preservados pelos mais velhos, ao som do tambu e do candongueiro, apresentando-se na rua uma vez por mês. Integra a rede de Pontos de Cultura com o projeto “Jongo de Piquete: um novo olhar”, promovendo reuniões do grupo, às 5ª feiras na Vila Eleotério, e ações voltadas para as escolas do município. Afirmando a ligação entre o jongo e o samba, o grupo convive em harmonia com o samba da escola Império do Braz, onde os jongueiros desfilam durante o carnaval.
Comunidade: Jongo de Piquete / SP	Referências: Jongo; Piquete; Mestre Gil.
Fonte: http://www.pontaojongo.uff.br/jongo-de-piquetes Acessado em: 28/07/2021.	

	
EIXO: AS MATRIZES DO JONGO	
MATERIAL DE APOIO 14: AS COMUNIDADES JONGUEIRAS	
PONTÃO DE CULTURA JONGO/CAXAMBU GUARATINGUETÁ / SP	
PONTO DA COMUNIDADE: <i>“Saravá Jongueiro velho, Que veio pra ensinar Que Deus dê a proteção Pro jongueiro novo Pro jongo não se acabar.”</i> (Jeferson Alves de Oliveira) A produtora cultural Aline Damásio comenta a formação do Bairro Tamandaré e o conceito de Quilombo Urbano que fortalece a identidade do bairro durante a programação do <i>Viradão Cultural</i> . IMPERDÍVEL!! Basta acessar o QR CODE:  Disponível: https://www.youtube.com/watch?v=2QZ676xLscw Acessado em: 15/08/2021.	BREVE HISTÓRICO: A comunidade do Tamandaré, bairro de Guaratinguetá, pratica o Jongo há mais de cem anos. Suas ações se inscrevem em uma ampla rede articulada em torno da salvaguarda desse bem de matriz africana que conta com a participação de grupos e mestres da comunidade. O jongo em Guaratinguetá mantém-se graças às festas promovidas pelo esforço coletivo da comunidade do Tamandaré. O grupo de Jongo da Associação Quilombolas do Tamandaré faz periodicamente reuniões do grupo, apresentações, participa das festas da comunidade e mantém compromisso com a educação social, que implica em levar a cultura jongueira para todos os campos.
COMUNIDADE: Tamandaré, Jongo de Guaratinguetá / SP.	Referências: Pontão de Cultura Jongo/Caxambu-UFF.
Fonte: http://www.pontaojongo.uff.br/jongo-de-guaratinguetasp Acessado em: 28/07/2021.	

	
EIXO: AS MATRIZES DO JONGO	
MATERIAL DE APOIO 15: AS COMUNIDADES JONGUEIRAS	
PONTÃO DE CULTURA JONGO/CAXAMBU	
SÃO JOSÉ DOS CAMPOS / SP	
PONTO DA COMUNIDADE: <i>Tem coisa na história Que livro não fala não A princesa Isabel Era "xonada" num negão (Laudení de Souza)</i>	BREVE HISTÓRICO: Recriado em São José dos Campos por Laudení de Souza, o grupo Mistura da Raça tem suas origens em Barra do Piraí, onde ainda mora parte de sua família. Articula-se em torno do jongo e da identidade cultural afro-brasileira promovendo encontros regionais para fortalecimento e promoção das culturas populares na região. Realizam ainda apresentações em datas comemorativas, eventos relacionados à cultura afro-brasileira, projeto “Show na Praça”, oficinas em escolas e espaços culturais.
COMUNIDADE: Jongo de São José dos Campos / SP.	Referências: Pontão de Cultura Jongo/Caxambu-UFF.
Fonte: http://www.pontaojongo.uff.br/jongo-de-sao-jose-dos-campossp Acessado em: 28/07/2021.	

COMUNIDADE JONGUEIRA DO ESPÍRITO SANTO

	
EIXO: AS MATRIZES DO JONGO	
MATERIAL DE APOIO 16: AS COMUNIDADES JONGUEIRAS	
PONTÃO DE CULTURA JONGO/CAXAMBU CACHOEIRO DE ITAPEMIRIM / ES	
PONTO DA COMUNIDADE: <i>No tempo do cativo, No tempo do cativo Quando o senhor me batia Eu gritava por Nossa Senhora Ai, meu Deus!... Como o chicote doía</i> (Canto recolhido nas rodas de caxambu do sul do Espírito Santo) Vamos conhecer as tradições jongueiras em terras capixabas a partir de um documentário que reúne diferentes comunidades, acessando o QR CODE:  Disponível: https://www.youtube.com/watch?v=gPjPt826Q6o Acessado em: 15/08/2021.	BREVE HISTÓRICO: O <i>Caxambu do grupo Velha Rita</i> acontece, todos os anos, no dia 13 de maio em homenagem aos velhos do cativo, especialmente à Velha Rita – ancestral que trabalha com mestra Isolina no Centro de Umbanda Menino Jesus e Nossa Senhora Aparecida. A Velha Rita, ou vovó Rita (como é chamada naquela comunidade), era uma cozinheira no tempo da escravidão, parente longe por parte de pai da Isolina.
COMUNIDADE: Caxambu da Velha Rita – Cachoeiro de Itapemirim / ES.	Referências: Velha Rita; Cachoeiro de Itapemirim; Mestra Isolina.
Fonte: Amorim, Sara Passabon. <i>A Performance Bantu do Caxambu: entre a ancestralidade e a contemporaneidade</i> . Vitória: Cousa, 2017.	



EIXO: AS MATRIZES DO JONGO

ATIVIDADE 1: QUEM SALVAGUARDA O JONGO?

FICHA DE ANÁLISE DAS COMUNIDADES JONGUEIRAS

Nome da Comunidade:	Cidade da Comunidade:
Lideranças da Comunidade:	Memória e Identidade da Comunidade:
A Matrifocalidade (liderança feminina):	História das Lideranças:
Principais Pontos de jongo/caxambu que marcam a comunidade:	
Quais os principais temas abordados nesse Jongo?	
Cite os principais problemas enfrentados pela comunidade no presente e no passado.	

A comunidade foi contemplada pelo Decreto nº 4887, de 20 de novembro de 2003, <i>que regulamenta o procedimento para identificação, reconhecimento, delimitação, demarcação e titulação das terras ocupadas por remanescentes das comunidades dos quilombos de que trata o art. 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias</i> ? Desde quando? Quais são os problemas encontrados para tal reconhecimento?
Fonte da pesquisa (site, livros, vídeos, jornais etc.):



EIXO: AS MATRIZES DO JONGO

ATIVIDADE 2: LOCALIZANDO AS COMUNIDADES

Figura 1: Mapa da região Sudeste.

BRASIL

Região Sudeste



Fonte: <https://br.pinterest.com/josirenemedeiros/brasil-hist%C3%B3ria-e-geografia/>
Acessado em: 29/072021.

Em grupo ou individualmente, vamos conhecer a região Sudeste, elaborando um cartaz, banner, painel ou folder, destacando as seguintes orientações:

- Colorir o mapa com diferentes cores para os respectivos estados e capitais da região.
- Localizar no mapa o município da comunidade jongueira que foi trabalhada.
- Em torno do painel, destaque as principais informações levantadas na ficha de atividade 1.
- Caso haja disponibilidade, elabore um QR Code para os áudios e vídeos disponíveis para sua exposição.



EIXO: AS MATRIZES DO JONGO

ATIVIDADE 3: A ENCRUZA DO NEGRO PURI

É bem verdade que alguns povos indígenas e negros participaram do processo de colonização como agentes dos brancos, promovendo perseguições uns aos outros. Porém, o conflito não foi a única marca do encontro entre esses povos. O movimento indígena do grupo 'Txâma Xmabé Puri', etnia que tem a sua presença original perpassando toda a região Sudeste, promove ações que visam à valorização e à reconstituição das tradições e da língua Puri que, dentre elas, encontra-se a tradição dos *puri caxambuzeiros*. Acesse a animação "Teyxokawa Puri" (Resistência Puri), produzida pelos indígenas, utilizando o QR CODE ou o link ao lado e em seguida vamos juntos pesquisar mais sobre esse povo, levantando as seguintes questões:



Fonte:

<https://www.facebook.com/EducaPrefSP/videos/481463806547114>

Acessado em: 05/08/2021.

a) Como o jongo representa o encontro de corpos entre centro-africanos e indígenas?

b) Vamos pesquisar o significado da palavra *caxambu*, um dos nomes que dão significados ao tambor e a tradição do jongo, e como essa se relaciona com as culturas indígenas e africanas.

FALA, PARENTE!!!

c) Pesquise a partir do Podcast *Vozes dos Povos Originários do Brasil*, realizado pelo Sistema UFOP de Rádio e Roquete Pinto Comunicação Educativa, as seguintes informações a respeito do povo *Puri*:

- Classificação do tronco-linguístico;
- Os territórios ocupados pelo Sudeste brasileiro;
- Tradição cultural e espiritual;
- Histórico do contato etc.

Ao final da discussão poderá ser realizado um painel ou uma exposição sobre os resultados da pesquisa junto

com a animação acima.

Acesse o site e o Podcast, utilizando o QR CODE ou o link abaixo:



Fonte: <https://radio.ufop.br/noticias/vozes-dos-povos-originarios-do-brasil-povo-puri-memoria-e-resistencia> Acessado em: 05/08/2021.



EIXO: AS MATRIZES DO JONGO

MATERIAL DE APOIO 17: JONGO DA SERRINHA

PONTO: VAPOR DA PARAÍBA (Comunidade Jongo da Serrinha)

Fonte 1

Vapô berrou na Paraíba,
E chora eu, chora eu vovó.
Fumaça dele na Madureira, E chora eu.
Vapor berrou piuí, piuí.
Ô Irê, irê, irê.
Ô Irê, irê, irê.
(Vovó Teresa)

Breve Histórico: Ponto de jongo muito cantado nas rodas do Rio de Janeiro. Vovó Teresa, ialorixá de umbanda e matriarca da comunidade da Serrinha, conta nesse jongo a sua ida de trem de Paraíba do Sul para o subúrbio de Madureira; Bacia Hidrográfica do Paraíba do Sul.

Fonte 2

Mapa de Bacias Hidrográficas (do Leste) com destaque para o Rio Paraíba do Sul



Referência: Banco de Informações e Mapas dos Transportes da Secretaria do Ministério dos Transportes.

Fonte: jongodaserrinha.org Acessado em: 26/07/2020;
https://pt.wikipedia.org/wiki/Rio_Para%C3%ADba_do_Sul Acessado em: 29/07/2020.



EIXO: AS MATRIZES DO JONGO

ATIVIDADE 4: TEXTO SOBRE O JONGO DA SERRINHA

PONTO: VAPOR DA PARAÍBA (Comunidade Jongo da Serrinha)

Fonte 3

O Jongo da Serrinha, em Madureira, é o grupo mais tradicional de dança de batuque no Rio, criado no fim da década de 60 pelo Mestre Darcy e pela Vovó Maria. Moradores da Serrinha - comunidade de Madureira -transformaram as rodas informais de jongo em ensaios artísticos para preservar a tradição. Hoje, a jongueira mais antiga da Serrinha é Tia Maria da Grota. Ela e os nove irmãos juntos fundaram a Escola de Samba Império Serrano. Tia Maria desfilou na ala das baianas da agremiação desde criança. É ela quem abre os shows do Jongo da Serrinha, apresentando os tradicionais pontos com oito dançarinos e músicos. (...).

De origem africana, o jongo é conhecido como uma dança de terreiro. Na coreografia em círculo, os participantes batem palmas e movimentam o tronco. No meio da roda, fica o solista ou jongueiro, que entoia versos improvisados e "pontos". Nas letras dos pontos estão enigmas que o adversário na roda precisa adivinhar para "desatar" ou "desamarrar" o ponto. Os instrumentos tradicionais são dois tambores de tamanhos diferentes: tambu, o maior, e candongueiro, o menor.

Com o fim da escravidão, no século 19, muitos ex-escravos migraram das fazendas do Vale do Rio Paraíba para o Rio de Janeiro, transformando a cidade em uma das regiões do país com a maior concentração de jongueiros. Seus redutos eram os morros São Carlos, Mangueira, Serrinha e Salgueiro.

Referência: <http://www.jongodaserrinha.org.br/> em: 28/07/2020.

Fonte: <http://mapadecultura.com.br/manchete/jongo> em: 28/07/2020.

A análise das fontes acima deverá levar os alunos a reconhecerem o processo de ocupação dos morros e subúrbios do Rio de Janeiro pela população descendente de escravizados, oriunda da região do vale do Paraíba, além dos registros e manifestações culturais deixados pelo jongo. Abordar de forma interdisciplinar a importância dos meios de transporte nos processos de migração e ocupação do Rio de Janeiro.

Propostas:

- a) Reconhecer a relação que há entre as três fontes, no processo que levou uma parcela considerada da população negra ou empobrecida para os subúrbios do Rio, especialmente Madureira. (crise do café; distanciamento da escravidão; formação de distritos industriais no Rio etc.).
- b) Identificar por mapas a região do Vale do Paraíba e do Rio de Janeiro, reconhecendo caminhos, rodovias e ferrovias em sua formação histórica, relacionando-as com a contemporaneidade.
- c) Pesquisar a importância do rio Paraíba para o Abastecimento de água da cidade do Rio de Janeiro e para a formação cultural e espiritual das comunidades do Vale tendo o jongo por eixo.
- d) Confeccionar cartazes ou painéis de mapas que descrevam as linhas férreas, destacando o bairro ou comunidade a qual a escola está inserida.



EIXO: AS MATRIZES DO JONGO

ATIVIDADE 5: OS AFRICANOS CENTRAIS

FONTE 1

Em todas essas sociedades, a proporção oriunda da África Central variou ao longo do tempo e por região. Dentro desse quadro, o Sudeste-Sul do Brasil entre 1811 e o último desembarque oficial no país (1856) é um caso excepcional: 93% dos traficados aí chegados (a grande maioria permanecendo no Sudeste) vieram da África Central, sendo 75% centro-ocidentais e 18% centro-orientais.

Fonte: Slenes, Robert. Africanos Centrais. In: Gomes, Flávio dos Santos; Schwarcz, Lilia Moritz (orgs.). Dicionário da Escravidão e Liberdade: 50 textos escritos. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

FONTE 2

Ponto de Jongo da comunidade quilombola de São José da Serra-Valença/RJ.

*“Nasci n’Angola
Angola que me criou
Eu sou filho de Moçambique
Eu sou Negro sim Senhor”*
(José Maria)

Fonte: <http://www.pontaojongo.uff.br/jongo-do-quilombo-sao-jose-da-serra-valencarj> Acessado em: 29/07/2021.

Após refletir sobre a memória inscrita na cultura acústica do jongo, **Vamos discutir!!**

a) As fontes 1 e 2 desta ficha, apresentam dois diferentes tipos de documentos ou vestígios históricos. Quais são eles?

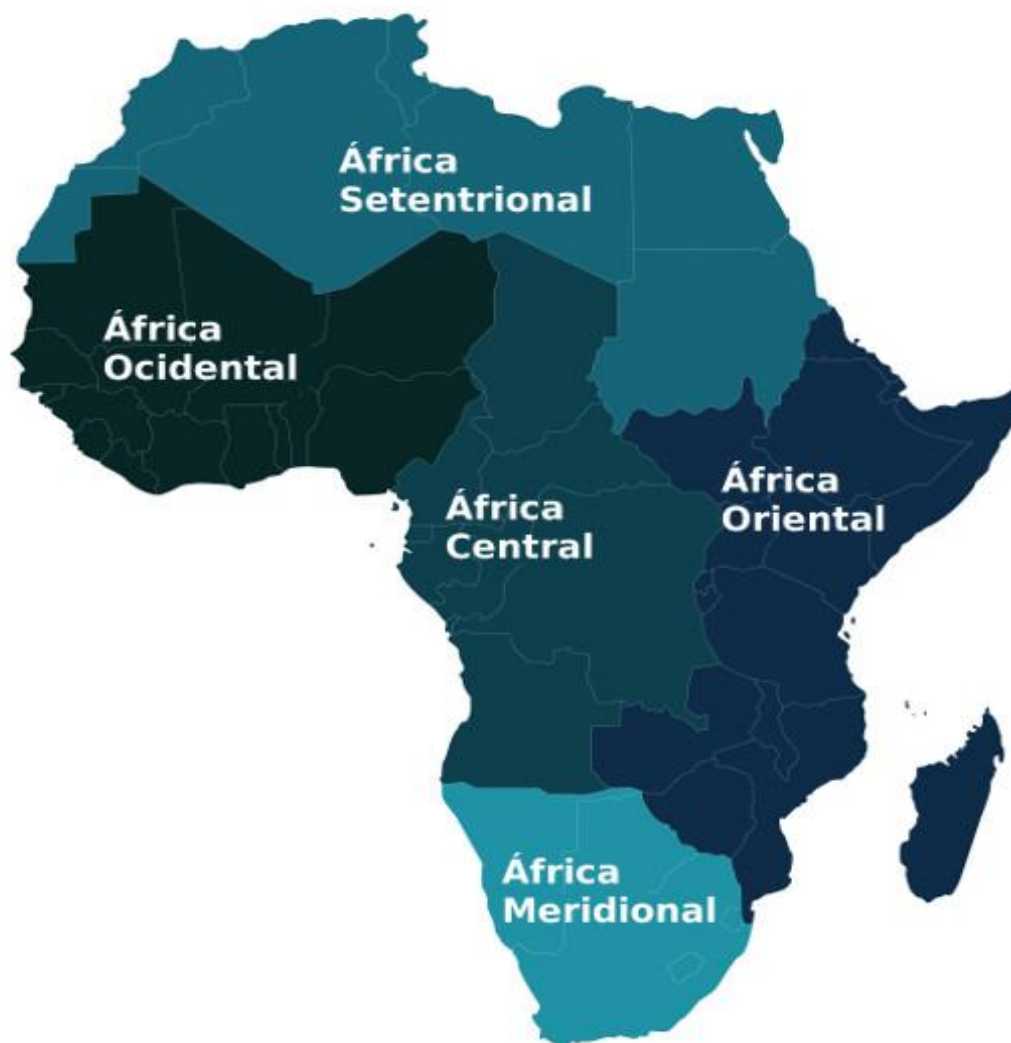
b) Quais assuntos estão sendo abordados pelas fontes acima e que se relacionam diretamente com a História do Brasil?



EIXO: AS MATRIZES DO JONGO

ATIVIDADE 7: RECONHECENDO A ÁFRICA

MAPA DAS REGIÕES DA ÁFRICA:



Fonte: <https://escolakids.uol.com.br/geografia/paises-da-africa.htm> Acessado em 29/07/2021.

África: Mapa mudo, Mapa em branco para diferentes atividades sobre história e geografia da África - (sem escala). Incluindo o Sudão do Sul e os Países Insulares:



Fonte: <http://gangamacota.blogspot.com/2018/05/africa-mapa-mudo-mapa-em-branco-para.html>

Acessado em: 29/07/2021.

Após breve pesquisa orientada, utilize o mapa mudo para localizar essas Áfricas que nos marca e constitui:

a) Pinte no mapa mudo apenas os territórios da África Central e o território de Moçambique na África Oriental com diferentes cores.

b) Marque nesse mesmo mapa os principais portos de embarcação de nossos antepassados violentamente trazidos para o Brasil, como: Benguela, Luanda e Quelimane.



EIXO: AS MATRIZES DO JONGO

ATIVIDADE 8: ENTRE A CULTURA NEGRA E POPULAR

"Nasci n' Angola
Angola que me criou
Eu sou filho de Moçambique
Eu sou Negro sim Senhor".
(José Maria)

Fonte: <http://www.pontaojongo.uff.br/jongo-do-quilombo-sao-jose-da-serra-valencarj> em: 29/07/2020.

Ilustração da Revista Brazilianas



Referência: Capa da Coleção Brazilianas. In: Souza, Silvia Cristina Martins de. *O jongo nos palcos teatrais, partituras e clubes musicais no Rio de Janeiro em fins do século XIX e início do século XX*. In: *Cultura negra vol. 1; festas, carnavais e patrimônios negros* / Organização de Martha Abreu, Giovana Xavier, Livia Monteiro e Eric Brasil. – Niterói: Eduff, 2018. p. 152.

Fonte: DIMAS/BNRJ. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/exposicoes/ai-ai-ai-cem-anos-osamba-faz/o-papel-da-biblioteca-nacional-na-formalizacao-do-samba/> em 29/07/2019.

Propostas: Acima, temos a capa de uma coleção de partituras dos anos 1890 intitulada *Brasilianas*, *danças características*, composição de Sebastião Barroso, que possuía um samba e um jongo. Podemos traçar o seguinte paralelo entre as duas fichas: enquanto o jongo do Quilombo São José,

levantado pelo Pontão de Cultura e muito cantado nas rodas públicas do Rio de Janeiro, exalta a herança africana da comunidade *filho de Angola* e *neto de Moçambique*, a capa de Brazilianas possui a proposta de se apropriar do jongo e do samba enquanto músicas brasileiras, chamando atenção em seus detalhes, a representação que oferecem do “espetáculo da miscigenação”. Encontrando-se nela um “*branco*” tocando pandeiro; negros que tocam atabaques e batem palmas no ritmo da música e a figura de uma mulata, que se confunde com a da baiana, colocada em posição de destaque como que simbolizando a síntese desta “mistura”. (SOUZA, 2018, p. 155.). O pós-abolição inaugura, assim, uma transposição da *música de preto* para *brasileira*. Assim sendo, o discente deverá desenvolver as seguintes habilidades:

- a) Reconhecer que as identidades são construídas nas esferas políticas e discursivas, ou seja, não são essencializadas nem dadas naturalmente.
- b) Identificar os tipos de documentos.
- c) Compreender que as manifestações culturais em um determinado tempo histórico, ou por um determinado grupo social, podem sofrer diferentes classificações e identidades.
- d) Propor uma pesquisa que promova uma problematização dos conceitos em torno das culturas *popular e negra*.

EIXO: CAVUCANDO NA ANGOMA

No eixo a seguir, abordamos a força de resistência dos pontos, das palavras cortantes e flechas disparadas contra os mortificadores e agentes do projeto colonial. Trabalhamos também o potencial ludibriador da performance, sendo necessário ir além da perspectiva da contribuição para a formação da cultura nacional a partir das manifestações folclóricas. Então, quais mensagens, memórias e identidades estão salvaguardadas na cultura acústica do jongo? Para debater tal questão, enfatizamos o marco temporal do surgimento daquilo que se compreende por jongo no contexto da emancipação do século XIX, trazendo para o debate o modo de como o Brasil do poder institucional em suas funções foi sendo cantado, dançado, significado e, principalmente, jogado na acústica do jongo.

Para isso, levantamos alguns fragmentos como trechos das principais leis do processo de emancipação – o decreto n. 1695 (proibição de pregão e separação de casais e filhos escravizados), a lei do Ventre-livre, a lei dos “Sexagenários”. Ainda, artigos de jornais que debatem a memória e a identidade da última geração de escravizados, inscritas na ilegalidade do tráfico e seus agentes, além da própria abolição. A emergência do jongo para o movimento negro e para o conjunto de leis afirmativas do século XXI utilizando o corpo da lei, fotografia e os já citados artigos. Além disso, os QRCODE que expressam a acústica e os depoimentos dos sujeitos de comunidades negras e quilombolas e os fragmentos dos próprios pontos de jongo.

Nesse eixo, abordamos de forma mais perceptível as dimensões sensível e explicativa de Hermeto, com o objetivo de discutir possibilidades de significados para os pontos quando articulados aos contextos de diferentes temporalidades, além dos sentimentos presentes nos pontos e depoimentos que tecem as memórias de sujeitos que podem ser os indivíduos ou as próprias comunidades.



EIXO: CAVUCANDO NA ANGOMA

MATERIAL DE APOIO 1: O BRIGUE CAMARGO

No fundo do mar de Angra dos Reis, repousa um dos mais importantes — e incômodos — tesouros arqueológicos do país: os destroços do brigue americano Camargo, o último navio negreiro a desembarcar escravos em solo brasileiro. Ele trouxe 500 africanos para o trabalho forçado.

O ano era 1852 e o tráfico já estava proibido. Por isso, para não deixar provas da operação criminosa, o capitão do navio ateou fogo à embarcação, que foi a pique. Agora, um grupo de pesquisadores acredita ter localizado a área do naufrágio na localidade de Porto Bracuí e espera por um novo financiamento para voltar a mergulhar e escavar em busca desse triste passado, como revela reportagem de Carlos Haag publicada na última edição da revista “Pesquisa Fapesp”, da Fundação de Amparo à Pesquisa de São Paulo, que financiou a parte inicial da busca. Resgatar os destroços de um navio negreiro é importante porque se sabe pouco sobre essas embarcações, das quais há poucos esboços esquemáticos.

— Fala-se muito, mas a verdade é que ninguém sabe ao certo como era um navio negreiro — afirmou o historiador Gilson Rambelli, coordenador do projeto “Arqueologia subaquática de um navio negreiro. A história que não está nos livros”, da Unicamp.

— Sobretudo porque diferentes barcos trabalhavam nesse que era o pior comércio possível, o comércio de seres humanos. Mas a história se cala, não quer ir a fundo nessa questão.

Na baía de Angra dos Reis, onde há vários navios afundados, é relativamente comum que mergulhadores conheçam as áreas onde há remanescentes e façam, inclusive, mergulhos recreativos nos locais.

Curiosamente, no entanto, um dos mais importantes de todos eles, o do último navio negreiro a aportar no país, era pouco conhecido. Havia apenas um relato, do mergulhador local José Galindo, indicando sua possível localização.

Pedaços de madeira semienterrados parecem confirmar o local onde o navio teria desaparecido com o passar dos anos, tragado pelos sedimentos do fundo marinho. Os vestígios foram encontrados em um mergulho feito pelo grupo de Rambelli.

— Não tínhamos como fazer a escavação, tivemos que parar — contou o historiador.

— Mas foi bem interessante constatar que, dentre a enorme variedade de navios afundados, visitados sempre por mergulhadores, esse ficou esquecido justamente porque envolvia a temática do navio negreiro. É como se, num acordo tácito, todos dissessem, ‘vamos deixar isso quieto, não vamos mexer nessa história, deixa cair no esquecimento’.

Escravo custava US\$ 40 na África.

De fato, não é agradável imaginar que, há menos de 200 anos, era considerado normal arrancar pessoas de sua terra natal, amontoá-las em navios sem nenhuma condição de higiene e desembarcá-las como escravas do outro lado do mundo.

O tráfico de escravos era um negócio tão lucrativo (um homem comprado na África por US\$ 40 podia ser vendido no Brasil por US\$ 400 e até por US\$ 1.200, em valores atuais) que, na lógica mercantilista cruel, a perda de alguns homens durante a viagem não fazia diferença. Por isso, as condições do transporte eram as mais insalubres (e baratas) possíveis.

Tão lucrativo era o tráfico que valia mesmo a pena afundar um navio para não deixar provas do crime, como aconteceu com o Camargo. O boato de que um brigue americano havia desembarcado escravos africanos no porto de Bracuí, em dezembro de 1852, correu rapidamente, chegando aos ouvidos do imperador.

Uma investigação foi aberta e um contingente de 400 policiais chegou a ser enviado a Angra dos Reis.

Para eliminar as provas de seu crime, o capitão do navio, Nathaniel Gordon, não teve dúvidas: pôs fogo na embarcação e, em seguida, fugiu para os Estados Unidos vestido de mulher para despistar as autoridades.

Mas Gordon não foi tão hábil em escapar da Justiça americana. Em 21 de fevereiro de 1862, ele foi enforcado nos EUA, tornando-se o único cidadão daquele país a ser condenado à morte por participação no tráfico negreiro.

Na outra ponta da história, recebendo os escravos trazidos por Gordon, estaria um dos mais cruéis senhores de terra e donos de escravos no Brasil, o comendador Joaquim José de Souza Breves, também conhecido como “o rei do café”, dada a sua produção recorde.

Comprador foi inocentado

Breves não acreditava na extinção do tráfico nem na abolição e continuou comprando escravos mesmo após a promulgação da Lei Eusébio de Queiróz, em 1850. Em janeiro de 1852, foi confirmado o desembarque ilegal de africanos em terras pertencentes a sua família — justamente os escravos trazidos pelo Camargo. Um processo chegou a ser aberto, mas Breves foi inocentado.

Para recuperar a história, Rambelli espera agora um novo financiamento para dar continuidade às buscas.

— Precisamos agora usar equipamento geofísico para localizar a estrutura principal, que está totalmente enterrada, coberta de sedimentos.

Um Brasil submerso e desconhecido

Uma parte considerável da história do Brasil está submersa e não é estudada regularmente, lamenta o historiador Gilson Rambelli, coordenador do projeto “Arqueologia subaquática de um navio negreiro”, da Unicamp, que busca resgatar os destroços do brigue americano Camargo.

A arqueologia subaquática é ainda pouquíssimo explorada em comparação à terrestre. Isso se deve, em parte, ao fato de as leis para exploração subaquática serem mais pautadas pelas atividades de caça ao tesouro do que de estudos, o que cria uma série de dificuldades para os arqueólogos.

Foi essa realidade que fez com que Rambelli acabasse escolhendo o Camargo para sua pesquisa.

— Queria um tema que servisse de exemplo de grande importância histórica, que não abrisse espaço para especulações de que estávamos procurando tesouro — afirmou o historiador. — Acho que deveríamos estudar os sítios arqueológicos submersos com a mesma seriedade com a qual se estuda os sítios da superfície. Não tem cabimento termos uma lei para sítio terrestre e outra para os submersos.

Atualmente na Universidade Federal da Bahia, Rambelli prepara um audacioso inventário sobre o patrimônio subaquático da Baía de Todos os Santos, onde se acredita haja mais de 150 naufrágios.

— O Brasil não conhece o Brasil, sobretudo debaixo da água — disse.

Brigue Camargo

Referências: Tráfico Atlântico, comércio ilegal; escravidão.

Fonte: <https://jspimenta.wordpress.com/2009/03/31/o-ultimo-navio-negreiro/>



EIXO: CAVUCANDO NA ANGOMA

MATERIAL DE APOIO 2:

TEXTO DO DECRETO Nº 1.695, DE 15 DE SETEMBRO DE 1869

Prohíbe as vendas de escravos debaixo de pregão e em exposição publica.

Hei por bem Sanccionar e Mandar que se execute a Resolução seguinte da Assembléa Geral:

Art. 1º Todas as vendas de escravos debaixo de pregão e em exposição publica, ficão prohibidas. Os leilões commerciaes de escravos ficão prohibidos, sob pena de nullidade de taes vendas e de multa de 100\$000 a 300\$000, contra o leiloeiro, por cada um escravo que vender em leilão. As praças judiciaes em virtude de execuções por divida, ou de partilha entre herdeiros, serão substituidas por propostas escriptas, que os juizes receberão dos arrematantes por espaço de 30 dias, annunciando os juizes por editaes, contendo os nomes, idades, profissões, avaliações e mais característicos dos escravos que tenham de ser arrematados. Findo aquelle prazo de 30 dias do annuncio judicial, o juiz poderá renovar o annuncio por novo prazo, publicando em audiencia as propostas se forem insignificantes os preços offerecidos, ou se forem impugnados por herdeiros ou credores que requirem adjudicação por preço maior.

Art. 2º Em todas as vendas de escravos, ou sejam particulares ou judiciaes, é prohibido, sob pena de nullidade, separar o marido da mulher, o filho do pai ou mãe, salvo sendo os filhos maiores de 15 annos.

Art. 3º Nos inventarios em que não forem interessados como herdeiros ascendentes ou descendentes, e ficarem salvos por outros bens os direitos dos credores, poderá o juiz do inventario conceder cartas de liberdade aos escravos inventariados que exhibirem á vista o preço de suas avaliações judiciaes.

Art. 4º Ficão revogadas as disposições em contrario.

José Martiniano de Alencar, do Meu Conselho, Ministro e Secretario de Estado dos Negocios da Justiça, assim o tenha entendido e faça executar.

Palacio do Rio de Janeiro, em quinze de Setembro de mil oitocentos sessenta e nove, quadragésimo oitavo da Independencia e do Imperio.

Com a rubrica de Sua Magestade o Imperador.

José Martiniano de Alencar.

Chancellaria-mór do Imperio. - José Martiniano de Alencar.

Transitou em 20 de Setembro de 1869. - José da Cunha Barbosa.

Fonte: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1824-1899/decreto-1695-15-setembro-1869-552474-publicacaooriginal-69771-pl.html> Acessado em 01/08/2021.



EIXO: CAVUCANDO NA ANGOMA

MATERIAL DE APOIO 3: TRECHO DO TEXTO DA LEI Nº 2.040 DE 28 DE SETEMBRO DE 1871

Artigo 1º.

Declara de condição livre os filhos de mulher escrava que nascerem desde a data desta lei, libertos os escravos da Nação e outros, e providencia sobre a criação e tratamento daquelles filhos menores e sobre a libertação annua de escravos...

A Princeza Imperial Regente, em nome de Sua Magestade o Imperador e Senhor D. Pedro II, faz saber a todos os subditos do Imperio que a Assembléa Geral Decretou e ella Sanccionou a Lei seguinte:

Art. 1º Os filhos de mulher escrava que nascerem no Imperio desde a data desta lei, serão considerados de condição livre.

§ 1º Os ditos filhos menores ficarão em poder o sob a autoridade dos senhores de suas mãis, os quaes terão obrigação de criar-os e tratar-os até a idade de oito annos completos. Chegando o filho da escrava a esta idade, o senhor da mãi terá opção, ou de receber do Estado a indemnização de 600\$000, ou de utilizar-se dos serviços do menor até a idade de 21 annos completos. No primeiro caso, o Governo receberá o menor, e lhe dará destino, em conformidade da presente lei. A indemnização pecuniaria acima fixada será paga em titulos de renda com o juro annual de 6%, os quaes se considerarão extinctos no fim de 30 annos. A declaração do senhor deverá ser feita dentro de 30 dias, a contar daquelle em que o menor chegar á idade de oito annos e, se a não fizer então, ficará entendido que opta pelo arbitrio de utilizar-se dos serviços do mesmo menor.

§ 2º Qualquer desses menores poderá remir-se do onus de servir, mediante prévia indemnização pecuniaria, que por si ou por outrem offereça ao senhor de sua mãi, procedendo-se á avaliação dos serviços pelo tempo que lhe restar a preencher, se não houver accôrdo sobre o quantum da mesma indemnização.

§ 3º Cabe tambem aos senhores criar e tratar os filhos que as filhas de suas escravas possam ter quando aquellas estiverem prestando serviços. Tal obrigação, porém, cessará logo que findar a prestação dos serviços das mãis. Se estas fallecerem dentro daquelle prazo, seus filhos poderão ser postos à disposição do Governo.

§ 4º Se a mulher escrava obtiver liberdade, os filhos menores de oito annos, que estejam em poder do senhor della por virtude do § 1º, lhe serão entregues, excepto se preferir deixal-os, e o senhor annuir a ficar com elles.

§ 5º No caso de alienação da mulher escrava, seus filhos livres, menores de 12 annos, a acompanharão, ficando o novo senhor da mesma escrava subrogado nos direitos e obrigações do antecessor.

§ 6º Cessa a prestação dos serviços dos filhos das escravas antes do prazo marcado no § 1º, se, por sentença do juizo criminal, reconhecer-se que os senhores das mãis os maltratam, infligindo-lhes castigos excessivos.

§ 7º O direito conferido aos senhores no § 1º transfere-se nos casos de successão necessaria, devendo o filho da escrava prestar serviços á pessoa a quem nas partilhas pertencer a mesma escrava.

Fonte: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/lim/lim2040.htm Acessado em 01/08/2021.



EIXO: CAVUCANDO NA ANGOMA

MATERIAL DE APOIO 4:

TRECHO LEI Nº 3.270, DE 28 DE SETEMBRO DE 1885.

DAS ALFORRIAS E DOS LIBERTOS

Art. 3º Os escravos inscriptos na matricula serão libertados mediante indemnização de seu valor pelo fundo de emancipação ou por qualquer outra forma legal.

§ 1º Do valor primitivo com que fôr matriculado o escravo se deduzirão:

No primeiro anno.....	2%
No segundo.....	3%
No terceiro.....	4%
No quarto.....	5%
No quinto.....	6%
No sexto.....	7%
No setimo.....	8%
No oitavo.....	9%
No nono.....	10%
No decimo.....	10%
No undecimo.....	12%
No decimo segundo.....	12%
No decimo terceiro.....	12%

Contar-se-ha para esta deducção annual qualquer prazo decorrido, seja feita a libertação pelo fundo de emancipação ou por qualquer outra forma legal.

§ 2º Não será libertado pelo fundo de emancipação o escravo invalido, considerado incapaz de qualquer serviço pela Junta classificadora, com recurso voluntario para o Juiz de Direito.

O escravo assim considerado permanecerá na companhia de seu senhor.

§ 3º Os escravos empregados nos estabelecimentos agricolas serão libertados pelo fundo de emancipação indicado no art. 2º, § 4º, segunda parte, si seus senhores se propuzerem a substituir nos mesmos estabelecimentos o trabalho escravo pelo trabalho livre, observadas as seguintes disposições:

- a) Libertação de todos os escravos existentes nos mesmos estabelecimentos e obrigação de não admittir outros, sob pena de serem estes declarados libertos;
- b) Indemnização pelo Estado de metade do valor dos escravos assim libertados, em titulos de 5%, preferidos os senhores que reduzirem mais a indemnização;
- c) Usufruição dos serviços dos libertos por tempo de cinco annos.

§ 4º Os libertos obrigados a serviço nos termos do paragrapho anterior, serão alimentados, vestidos e tratados pelos seus ex-senhores, e gozarão de uma gratificação pecuniaria por dia de serviço, que será arbitrada pelo ex-senhor com approvação do Juiz de Orphãos.

§ 5º Esta gratificação, que constituirá peculio do liberto, será dividida em duas partes, sendo uma disponivel desde logo, e outra recolhida a uma Caixa Economia ou Collectoria, para lhe ser entregue,

terminado o prazo da prestação dos serviços a que se refere o § 3º, ultima parte.

§ 6º As libertações pelo peculio serão concedidas em vista das certidões do valor do escravo, apurado na fôrma do art. 3º, § 1º, e da certidão do deposito desse valor nas estações fiscaes designadas pelo Governo.

Essas certidões serão passadas gratuitamente.

§ 7º Enquanto se não encerrar a nova matricula, continuará em vigor o processo actual de avaliação dos escravos, para os diversos meios de libertação, com o limite fixado no art. 1º, § 3º.

§ 8º São válidas as alforrias concedidas, ainda que o seu valor exceda ao da terça do outorgante e sejam ou não necessarios os herdeiros que porventura tiver.

§ 9º E' permittida a liberalidade directa de terceiro para a alforria do escravo, uma vez que se exhiba preço deste.

§ 10. São libertos os escravos de 60 annos de idade, completos antes e depois da data em que entrar em execução esta Lei; ficando, porém, obrigados, a titulo de indemnização pela sua alforria, a prestar serviços a seus ex-senhores pelo espaço de tres annos.

§ 11. Os que forem maiores de 60 e menores de 65 annos, logo que completarem esta idade, não serão sujeitos aos alludidos serviços, qualquer que seja o tempo que os tenham prestado com relação ao prazo acima declarado.

§ 12. E' permittida a remissão dos mesmos serviços, mediante o valor não excedente á metade do valor arbitrado para os escravos da classe de 55 a 60 annos de idade.

§ 13. Todos os libertos maiores de 60 annos, preenchido o tempo de serviço de que trata o § 10, continuarão em companhia de seus ex-senhores, que serão obrigados a alimentar-os, vestir-os, e tratar-os em suas molestias, usufruindo os serviços compativeis com as forças delles, salvo si preferirem obter em outra parte os meios de subsistencia, e os Juizes de Orphãos os julgarem capazes de o fazer.

§ 14. E' domicilio obrigado por tempo de cinco annos, contados da data da libertação do liberto pelo fundo de emancipação, o municipio onde tiver sido alforriado, excepto o das capitaes.

§ 15. O que se ausentar de seu domicilio será considerado vagabundo e apprehendido pela Policia para ser empregado em trabalhos publicos ou colonias agricolas.

§ 16. O Juiz de Orphãos poderá permittir a mudança do liberto no caso de molestia ou por outro motivo attendivel, si o mesmo liberto tiver bom procedimento e declarar o logar para onde pretende transferir seu domicilio.

§ 17. Qualquer liberto encontrado sem occupação será obrigado a empregar-se ou a contratar seus serviços no prazo que lhe fôr marcado pela Policia.

§ 18. Terminado o prazo, sem que o liberto mostre ter cumprido a determinação da Policia, será por esta enviado ao Juiz de Orphãos, que o constrangerá a celebrar contrato de locação de serviços, sob pena de 15 dias de prisão com trabalho e de ser enviado para alguma colonia agricola no caso de reincidencia.

§ 19. O domicilio do escravo é intransferivel para Provincia diversa da em que estiver matriculado ao tempo de promulgação desta Lei.

Fonte: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/lim/LIM3270.htm Acessado em: 01/08/2021.

	
EIXO: CAVUCANDO NA ANGOMA	
ATIVIDADE 1: OS SOUZA BREVES E A MIRONGA DO JONGO	
O jongo representa o grande traço cultural da última geração de africanos escravizados e seus descendentes trazidos ilegalmente para o Sudeste do Brasil. Estima-se que, entre o período que começa em 1831, com a primeira lei de proibição do tráfico, e o ano de 1849, ano anterior à entrada em vigor da segunda lei Eusébio de Queiroz, 700 mil escravizados desembarcaram no Brasil. Aponte a câmera do seu celular para <i>QR Code</i> abaixo para acessar a matéria do <i>Programa Rio Sul Revista</i> que relata a ascensão e queda dos Souza Breves:	Transcrição da Entrevista com Aloysio Breves Aloysio Breves, um pesquisador que descende da família dos ‘reis do café’ e realiza um trabalho de valorização do patrimônio de seus antepassados e da cultura do Médio Paraíba, durante entrevista ao programa <i>Rio Sul Revista</i>, que pertence a uma afiliada da Rede Globo no sul-fluminense, atribui o rápido desmoronamento do império da família, para além do imbricado processo de inventário dos bens, das pragas e dos infortúnios que foram lançados contra o comendador pelos jongueiros: “Dizem alguns que isso [o declínio da fortuna dos Breves] era uma praga dos escravos, né? Falavam muito isso em relação à São João Marcos, né? Os escravos cantavam nos terreiros de jongo, né? Dizendo que o monjolo iria parar de socar o pilão, porque a água não ia correr mais, e de fato isso aconteceu em São João Marcos – a água ficou paralisada pela represa, uma cidade ficou apagada do mapa. Pra quem acredita em pragas, essa é uma praga que se confirmou e que a fortuna dos Breves iria ruir, né? Que não iria restar mais nada”.
	
Fonte: TV Rio Sul, Programa Rio Sul Revista. Rio Claro, 28 de mar. de 2015. Conheça a história do comendador rei do café no Sul do Rio de Janeiro. Disponível em: < https://globoplay.globo.com/v/4068970/1 >. Acesso em: 20 de jun. de 2021.	
Por muito tempo, o jongo foi visto por pesquisadores e folcloristas simplesmente como uma manifestação de divertimento dos escravizados de origem centro-africana e seus descendentes nas áreas cafeeiras do Sudeste.	
VAMOS REFLETIR!!! Você concorda que o jongo deva ser abordado apenas em seu caráter lúdico? Qual a sua opinião?	
O conteúdo ratifica a ideia de que o jongo servia aos senhores, tão somente, para “amansar a escravidão”?	



EIXO: CAVUCANDO NA ANGOMA

ATIVIDADE 2: CIRILO DEU UMA VOLTA

Uma das narrativas mais marcantes já contadas pelos jongueiros e quilombolas em diferentes territórios, registrada no documentário *Passados Presentes*, conta a história de um cativo, chamado Cirilo, que, por conta de uma demanda com o Comendador, foi então enviado por carta para receber castigos físicos em Turvos ou Bananal de São Paulo, já que José Breves, de acordo com os relatos, negava-se a praticar a tortura pessoalmente. *Levando a morte no bolso* e desconhecendo o conteúdo, Cirilo se dirigiu ao destino e, ao entregar a carta, percebeu que estava em perigo e foge do local de forma dramática. Porém, o protagonista ainda assim teria retornado à sede da fazenda dos Breves, onde supostamente teria recebido o perdão do afamado Comendador.

FONTE 1:



Figura – O Comendador José de Souza Breves e sua esposa, Rita Breves. Coleção Aloysio Clemente Breves.

Fonte: <http://brevescafe.net/qui-bracuhy.htm>
Acessado em: 01/08/2021.

FONTE 2:

A Memória Puxada no Ponto: transcrição de ponto a partir de vivências em rodas públicas.

O que é que faz o negro na fazenda do senhor?!

O que é que faz o negro na fazenda do senhor?!

O senhor mandou embora...

Por que é que o negro voltou?

Lê, lê, lê, lê, lê, lê, lê

PARA SABER MAIS!!! APONTE A CÂMERA DO SEU CELULAR PARA O QR CODE ABAIXO e assista ao documentário *Passados Presentes: memória negra no sul-fluminense*.



Fonte:

<http://observatoriodopatrimonio.com.br/site/index.php/itens-de-patrimonio/jongo>; <https://www.youtube.com/watch?v=D629WbeRVU&t=792s> Acessados em: 01/08/2021.

Após assistir ao documentário que aborda a opulência e riqueza dos Souza Breves e a leitura do material acima, **VAMOS DISCUTIR!!**

a) Fale, jongueiro!! O ponto de jongo manifesta a aceitação da relação paternal entre Breves e Cirilo?

b) O documentário aborda, dentre outras questões, a luta pela demarcação do Quilombo Santa Rita do Bracuí. Como foi a conquista dessa terra?

c) Após pesquisar o Decreto nº 4887, de 20 de novembro de 2003, diga-nos, com uma breve justificativa: é correto afirmar que *quilombolas* se restringem a descendentes de escravizados que fugiram ou se rebelaram contra a escravidão?



EIXO: CAVUCANDO NA ANGOMA

ATIVIDADE 3: O JONGO NA ESCOLA

FONTE 1:

Foto: Juca Martins/Olhar Imagem.
 “Manifestação durante a reunião da SBPC,
 Salvador, BA, 1981”. Arquivo Edgard Leurenroth/Unicamp



FONTE 2:

**LEI Nº 11.645, DE 10
MARÇO DE 2008.**

Art. 1º O art. 26-A da [Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996](#), passa a vigorar com a seguinte redação:

“[Art.26-A](#). Nos estabelecimentos de ensino fundamental e de ensino médio, públicos e privados, torna-se obrigatório o estudo da história e cultura afro-brasileira e indígena.

§ 1º O conteúdo programático a que se refere este artigo incluirá diversos aspectos da história e da cultura que caracterizam a formação da população brasileira, a partir desses dois grupos étnicos, tais como o estudo da história da África e dos africanos, a luta dos negros e dos povos indígenas no Brasil, a cultura negra e indígena brasileira e o negro e o índio na formação da sociedade nacional, resgatando as suas contribuições nas áreas social, econômica e política, pertinentes à história do Brasil.

§ 2º Os conteúdos referentes à história e cultura afro-brasileira e dos povos indígenas brasileiros serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de educação artística e de literatura e história brasileiras.”

Após observar atentamente as fontes, **vamos ao debate!!**

a) Podemos afirmar, ao analisarmos a fotografia de Juca Martins, que “antigamente não tinha essa de Movimento Negro”?

b) Qual a importância do <i>jongo na escola</i> de acordo com a lei nº 11.645 e as reivindicações negras do Brasil?

	
EIXO: CAVUCANDO NA ANGOMA	
MATERIAL DE APOIO 5: UM LEGADO CENTRO-AFRICANO – PATRIMÔNIO FAMILIAR E LUTA ANTIRRACISTA NO SUDESTE.	
Fonte 1: Transcrição de um ponto do vídeo – <i>Um legado centro-africano – Patrimônio familiar e luta antirracista no Sudeste.</i> <i>Lá em cima tem meu pai Num tronco tem minha mãe Num braço tem minha avó No outro tem minha tia... [Resposta inaudível] E agora eu quero ver quem derruba o pau Sem mexer com a minha família.</i> Assista ao vídeo e conheça mais sobre a estrutura da identidade jongoeira na base familiar e a organização das comunidades jongoeiras nos Pontos de Cultura. Basta apontar a câmera do seu celular para o QR CODE.	Fonte 2: Documentário <i>Um legado centro-africano – Patrimônio familiar e luta antirracista no Sudeste.</i> 
Fonte: Observatório do Patrimônio Cultural do Sudeste. https://www.youtube.com/watch?v=obDB3oZxMuo&t=273s Acessado em: 02/07/2021.	



EIXO: CAVUCANDO NA ANGOMA

ATIVIDADE 4: O DRIBLE DA PERFORMANCE

FONTE 1: Observe a nuance desse verso cortante de jongo que tem sua origem na comunidade de São José da Serra/Valença-RJ:

*Ô, ô, com tanto pau no mato
Embaúba* é coroné
Com tanto pau no mato, ê ê
Com tanto pau no mato
Embaúba é coroné*

* Embaúba: árvore comum e inútil por ser podre por dentro, de acordo com Stanley Stein.

Fonte: Enem-2016; STEIN, S. J. Vassouras: um município brasileiro do café, 1850-1900. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990 (adaptado).

FONTE 2: Agora, façamos a leitura desse fragmento que mostra a lesa que levou o famoso major Vidigal, que dá nome a uma favela do Rio de Janeiro, lá pelos meados do século XIX.

Um dia o major anunciou que tinha uma grande e importante diligência a fazer. Havia um endiabrado patusco que era o tipo perfeito dos capadócios daquele tempo, sobre quem há muitos meses andava o major de olhos abertos, sem que entretanto tivesse achado ocasião de pilhá-lo: sujeitando cuja ocupação era uma indecifrável adivinhação para muita gente, sempre andava entretanto mais ou menos apatacado: tudo quanto ele possuía de maior valor era um capote em que andava constantemente embuçado, e uma viola que jamais deixava. Gozava reputação de homem muito divertido, e não havia festa de qualquer gênero para a qual não fosse convidado. (...)

Tocava viola e cantava muito bem modinhas, dançava o fado com grande perfeição, falava língua de negro, e nela cantava admiravelmente, fingia-se aleijado de qualquer parte do corpo com muita naturalidade, arremedava perfeitamente a fala dos meninos da roça, sabia milhares de adivinhações, e finalmente, -eis aqui o seu mais raro talento, -sabia com rara perfeição fazer uma variedade infinita de caretas que ninguém era capaz de imitar. Era por conseqüência as delícias das espirituosas sociedades em que se achava. Quem dava uma súcia em sua casa, e queria ter grande roda e boa companhia, bastava somente anunciar aos convidados que o Teotônio (era este o seu nome) se acharia presente. (...) A hora ajustada chegou o major à casa do Leonardo-Pataca; Estavam todos sentados, e o Teotônio em pé no meio da sala olhava para um, e apresentava uma cara de velho, virava-se repentinamente para outro, e apresentava uma cara de tolo a rir-se asnaticamente; e assim por muito tempo mostrando de cada vez um tipo novo. Finalmente, tendo já esgotado toda a sua arte, correu a um canto, colocou-se numa posição que pudesse ser visto por todos ao mesmo tempo, e apresentou a sua última careta. Todos desataram a rir estrondosamente apontando para o major. Acabava de imitar com muita semelhança a cara comprida e chupada do Vidigal. (...)

O major mordeu os beiços percebendo a caçoadinha do Teotônio; e se já tinha boas intenções a seu respeito, ainda as formou melhor naquela ocasião. (...)

[Horas depois... a tentativa de vingança do major]

— Ah! Sr. Teotônio, quer saber uma coisa? *[exclamou o ainda soldado Leonardo]* Pois se puser o pé daquela porta para fora, o major põe-lhe a unha, que para isso está ele à sua espera, e para aqui me mandou... — Ó diabo! exclamaram todos. — Mas nada de sustos; tudo se há de arranjar, que tenho eu boa vontade disto. — Mas não te comprometas, rapaz, acrescentou a comadre ao ouvido do Leonardo; olha que o major não é de graças, e daí te pode vir mal. — Ora, tenho pena dele só por aquelas caretas. Juntaram-se então os dois, Leonardo e Teotônio, e juntos concertaram o seu plano de modo que este escapasse ao major, e que aquele não ficasse comprometido. Estava já a noite muito adiantada, ordenaram os dois que saíssem ao mesmo tempo muitos convidados, e o Leonardo, partindo adiante deles, foi correndo ter com o major. — Aí vem o bicho, Sr. major. — Cerca, cerca! disse o major. E cada um se dividiu para seu lado. O major colou-se à porta de um corredor, e pôs-se de olho alerta.

Veio-se aproximando ao major um vulto assobiando tranqüilamente o estribilho de uma modinha. Quando se achou em pequena distancia o major deu um salto donde estava e segurou-o. Um ai franzino se fez ouvir, acompanhado de um: — Me largue! Que é isto? O major prestou atenção, não tendo reconhecido a voz do Teotônio, e viu que tinha segurado um pobre corcunda, aleijado, ainda em cima, da perna direita e do braço esquerdo. — Ora vá-se para o inferno, disse o major; suma-se daqui. Também não sei o que andam fazendo a estas horas pelas ruas estas figuras. O aleijado safou-se apressadamente livre do susto, e lá foi continuando a assobiar o seu estribilho. Fez-se depois disto o mais profundo silêncio, e o major não viu mais passar senão os convidados da patuscada, não vendo entre eles o Teotônio. Então ardeu com o caso; e reunindo os granadeiros disse para Leonardo: — Ele não saiu... — Saiu, replicou este; até de jaqueta branca e chapéu de palha: eu o vi tomar ali para a porta onde estava o Sr. major. — De jaqueta branca e chapéu de palha? perguntou o major. — Sim, senhor, e de calça preta: não o peguei porque logo vi que não havia de escapar ao Sr. major. — Ah! patife, patife, resmungou: destas nunca levei... Era o corcunda, o aleijado...

Fonte: Almeida, Manuel de. Memórias de um Sargento de Milícias. Belém: Universidade da Amazônia, NEAD – Núcleo de Educação a Distância (Domínio Público). pp. 105-108. <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/ua000235.pdf>
Acessado em: 01/08/2021.

VAMOS PENSAR A CULTURA!! A partir do verso do jongueiro e da leitura do texto, podemos concluir que as performances de matrizes negras (canto, dança, apresentação teatralizada etc.) servem tão somente para entreter o público? O que os fragmentos acima nos ensinam a esse respeito?

Proposta: A proposta aqui é levar o aluno a refletir sobre como o universo das linguagens em códigos ou cifradas, que no Rio são denominadas de gírias, podem representar instrumentos de identidade e resistência a partir da cultura do jongo. Deverão ser propostas também atividades que reflitam sobre temas relativos a diferentes temporalidades, como a formação da *Guarda Nacional*, o papel da descentralização do poder com as *Regências* (1831-1840), o fortalecimento do poder local dos grandes fazendeiros e a formação de milícias pelo *coronelismo*. Conforme os exemplos das seguintes estratégias:

a) Explicar o sarcasmo contido no ponto de jongo dessa ficha.

b) Debater as funções exercidas pelos coronéis no contexto da Primeira República.

c) Propor um trabalho de pesquisa sobre a atuação da Guarda Nacional e a formação da instituição policial no combate aos quilombos e às demais instituições e espiritualidades negras.

	
EIXO: CAVUCANDO NA ANGOMA	
ATIVIDADE 5: TIO ENÉAS	
<u>FONTE 1:</u> Assista ao vídeo <i>TAC Mestre Enéas do Nascimento</i> e conheça essa importante liderança jongueira da comunidade de Pinheiral: 	<u>FONTE 2:</u> Transcrição de trecho do vídeo – <i>TAC Mestre Enéas do Nascimento</i>. “Jongo é união de corpos e família (...) Por que vovô? Por que vovó? Por que titia”? Tio Enéas – Grupo de Jongo de Pinheiral-RJ -Aponte a câmera de seu celular para o QR CODE ao lado e conheça a sabedoria de tio Enéas. - A seguir, elabore uma linha do tempo com as leis emancipacionistas da abolição do século XIX, de modo a relacionar com a estrutura do caráter familiar do jongo: -Eusébio de Queiroz (1850); - Decreto-lei 1695 – que obstava separação de casais (1869); - Lei do Ventre-livre (1871); - Lei dos Sexagenários (1885); -Abolição da Escravatura (1888).
Fonte: Observatório do Patrimônio Cultural do Sudeste. https://www.youtube.com/watch?v=jGXDUJ4nKZM Acessado em: 01/08/2021.	



EIXO: CAVUCANDO NA ANGOMA

ATIVIDADE 6: PRÁTICAS DE ENCRUZILHADA

FONTES 1

Com respeito ao nome atribuído pelos informantes de Stein aos anciãos da senzala (*macota*), a historiadora Camilla Agostini identificou *makota* como o título coletivo dos conselheiros do chefe (*soba*) entre pelo menos alguns grupos mbundu e os kongo de São Salvador. De fato, *kota*, significando “irmão maior ou mais velho” (*makota* seria o plural), é uma palavra de grande dispersão na zona atlântica, provavelmente derivada de uma raiz que deixa sua marca em boa parte da África bantu. Tem também o significado de “chefe” para os kongo e de “pessoa rica e importante” para os ovimbundu. Em estudo detalhado sobre a palavra *makota* entre os mbundu, o historiador Joseph Miller mostra que, além de se referir aos “anciãos ou ‘tios’ de uma linhagem”, o termo também se reporta, historicamente, “aos guardiões e conselheiros do portador d[o] título [de chefe]” de um grupo local de descendência (...). Essas observações reforçam o retrato que Agostini faz dos *makota* como juizes em litígios: isto é, como intérpretes dos provérbios – tão concisos e alusivos quanto jongos – que eram proclamados ou cantados por acusadores e réus ao apelarem para as normas sociais. As conotações de parentesco, governança, migração e reafirmação de comunidade investidas na palavra *macota* – certamente percebidas pela maioria dos africanos e de seus filhos na senzala de Vassouras – são especialmente impactantes em vista das pesquisas recentes que documentam a presença de redes familiares intergeracionais e de cultos comunitários de aflição nas fazendas maduras do Sudeste. Os *macota* devem ter desempenhado papéis importantes em ambas as instituições.

Fonte: Adaptado de Slenes, Robert W. “Eu venho de muito longe, eu venho cavando”: jongueiros cumba na senzala centro-africana. In: *Memória do Jongo: as gravações históricas de Stanley J. Stein. Vassouras, 1949.* / organização, Silvia Hunold Lara, Gustavo Pacheco. - Rio de Janeiro: Folha Seca ; Campinas, SP : CECULT, 2007. pp. 131 e 132.

FONTES 2



Fonte:

http://m.aldeiacaboclopenabranca.webnode.com.br/album/galeria-de-fotos/preto-velho-jpg/newsbcm_203905/50/ Acessado em: 01/08/2021.

FONTES 3

Assista ao vídeo sobre a festa do Quilombo São José da Serra e aproveite a grande celebração encruzada das tradições umbandistas e católicas:



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=6icZvJ83Mx4>
Acessado em: 03/08/2021.

Na imagem ao lado, temos divindades conhecidas como *Pretos e Pretas Velhas* muito comuns nas macumbas da região Sudeste. A mais conhecida é a Umbanda. A intolerância faz com que os descendentes de escravizados e demais pessoas adeptas a essa religiosidade sofram todo tipo de violência em sua fé. Agora, **VAMOS REFLETIR!!**

a) De que maneira os anciãos, ou Pretos e Pretas Velhas, eram representados nas senzalas do Brasil e na tradição centro-africana, de acordo com o texto acima?

b) O texto fala sobre uma cidade denominada São Salvador, porém, essa referência não se faz à capital baiana e sim à antiga capital do reino do Congo. Faça uma pesquisa sobre a história dessa cidade, abordando a sua relação com a formação do Brasil e um movimento católico africano conhecido por *antonianismo*.

c) Na imagem da fonte 2, existe a presença de um santo católico junto aos pretos velhos. Já a fonte 3 apresenta um vídeo com um depoimento de Regina Elena que celebra as tradições católicas e umbandistas no jongo. Esse encontro de culturas que é celebrado em diferentes terreiros envolve tradições ameríndias, africanas, e o cristianismo europeu possui uma longa tradição, além de constituir uma estratégia frente à violência da intolerância religiosa e colonial. Para conhecer mais, vamos trabalhar em equipes de 4 ou 5 alunos e fazer uma grande exposição, utilizando painéis e QRCODE e escolhendo uma dessas religiões ou tradições espirituais, também conhecidas por *macumbas*, dentre os Candomblés, Umbandas, Encantarias, Omolocôs ou alguma outra tradição espiritual ou religiosa de sua curiosidade.



EIXO: CAVUCANDO NA ANGOMA.

MATERIAL DE APOIO 6: JONGO DO IRMÃO CAFÉ.

Auê, meu irmão Café!
 Auê, meu irmão Café!
 Mesmo usados, moídos, pilados, Vendidos,
 trocados estamos de pé.
 Olha nós aí, meu irmão café.

Meu passado é africano
 Teu passado também é,
 Nossa cor é tão escura
 Quanto o chão de massapé,
 Amargando igual mistura
 De cachaça com ferné,
 Desde o tempo em que ainda havia
 Cadeirinha e landolé.
 Fomos nós que demos duro
 Pro país ficar de pé.

Refrão

Você quente queima a língua,
 Queima o corpo e queima o pé.
 Adoçado tem delícias De
 chamego e cafuné. Requentado
 cria caso, Faz zoeira e faz
 banzé.
 E também é de mezinha,
 De gurufa e candomblé.
 É por essas semelhanças
 Que eu te chamo irmão Café.

Refrão

Referência: SANFILIPPO, Lucio Bernard. *Interdisciplinando a cultura na escola com o jongo*. Rio de Janeiro: Multifoco, 2011.

Fonte: <https://www.letras.mus.br/nei-lobes/887960/> em: 29/07/2020. Compositores: Wilson Moreira e Nei Lopes.

Proposta: A abordagem das letras dos pontos com base no *Jongo do Irmão Café* é uma mostra de como possíveis temáticas podem surgir e serem abordadas no espaço escolar: como a valorização da identidade africana no Brasil (“meu passado é africano, / Teu passado também é”); a memória de dor e sofrimento, que não pode ser silenciada, da escravidão e tantas marcas deixadas na civilização brasileira (“vendidos”, “trocados”); além do importante aspecto das resistências que vão desde as grandes revoltas negras até a própria ironia; o humor mordaz que o jongo carrega e que deu significado às comunidades negras em diferentes espaços, quer no campo ou na cidade.

Se múltiplas são as inteligências, múltiplas devem ser as formas de aprender. A prática do jongo na escola é perfeitamente capaz de contribuir ao desafio de uma formação interdisciplinar. Como exemplo, “Os giros dos indivíduos na roda lembram o movimento de rotação da terra. Quase sempre seguem uma orientação anti-horária. Já o casal, frequentemente, imita o movimento de translação em relação ao centro da roda”². Assim sendo, podemos ter uma aprendizagem interdisciplinar para se compreender, por meio de processos históricos, que os estudos de astronomia se relacionam não apenas ao movimento do *Renascimento* na Europa, mas também aos conhecimentos dos centro-africanos e, até mesmo, dos *Dógons*.

Além disso, “Nossa cor é tão escura Quanto o chão de massapé, Amargando igual mistura (...)”. Podemos abordar os nossos diferentes fenótipos, discutindo as noções de raça e genética como:

- Cor da pele e cabelo: características gerais da pele, estruturas que compõem a pele humana, como a pele nos protege do frio e do calor, por que a pele possui diferentes tonalidades (melanina), qual a cor do seu cabelo?
- Tipos de solo: (massapé), composição e fertilidade, erosão, formas de utilização do solo;
- Diversidade biológica e étnica: por que somos tão diferentes, apesar de sermos todos iguais? Por que o homem foi se modificando à medida que foi ocupando novos espaços? (mudanças adaptativas); árvore genealógica; Pele e luz solar: radiação ultravioleta, sol e câncer de pele (destruição da camada de ozônio e efeito estufa).

² SANFILIPPO, Lucio Bernard. Interdisciplinando a cultura na escola com o jongo. Rio de Janeiro: Editora Multifoco, 2011. p. 39.



EIXO: CAVUCANDO NA ANGOMA

ATIVIDADE 7: O TREZE DE MAIO

Fragmento do texto: *Por que os negros não comemoram o 13 de maio, dia da abolição da escravidão?*

Portal Geledés

A Lei Áurea, que aboliu oficialmente a escravidão no Brasil, foi assinada em 13 de maio de 1888. A data, no entanto, não é comemorada pelo movimento negro. A razão é o tratamento dispensado aos que se tornaram ex-escravos no país. “Naquele momento, faltou criar as condições para que a população negra pudesse ter um tipo de inserção mais digna na sociedade”, disse Luiza Bairos, ex-ministra da Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial (Seppir).

Após o fim da escravidão, de acordo com o sociólogo Florestan Fernandes (1920-1995), em sua obra “A integração do negro na sociedade de classes”, de 1964, as classes dominantes não contribuíram para a inserção dos ex-escravos no novo formato de trabalho.

“Os senhores foram eximidos da responsabilidade pela manutenção e segurança dos libertos, sem que o Estado, a Igreja ou qualquer outra instituição assumisse encargos especiais, que tivessem por objeto prepará-los para o novo regime de organização da vida e do trabalho”, diz o texto.

De acordo com a Bairos, houve, então, um debate sobre a necessidade de prover algum recurso à população recém-saída da condição de escrava. Esse recurso, que seria o acesso à terra, importante para que as famílias iniciassem uma nova vida, não foi concedido aos negros. Mesmo o já precário espaço no mercado de trabalho que era ocupado por essa população passou a ser destinado a trabalhadores brancos ou estrangeiros, conforme Luiza Bairos.

Fonte: <https://www.geledes.org.br/por-que-os-negros-nao-comemoram-o-13-de-maio-dia-da-abolicao-da-escravatura/>
Acessado em: 15/08/2021.

Jongueiro Cumba
Wilson Moreira e Nei Lopes

O sino badalou no campanário
O hino da Senhora do Rosário
O povo todo bonito
Dança pra São Benedito
Lá de Luanda o luar
Vem pra nos alumiar

Anguara pra correr
De boca em boca
Não para que essa goela fica rouca
Canta, meu povo do Congo
Afoga essa mágoa no jongo
Não deixe angoma calar

Ah, eu sou jongueiro cumba
Sou jongueiro cumbambá
Põe a tumba na cacunda
Ninguém vai me perrengar

Ô, Dora, tira a saia do balaio
Vambora festejar treze de maio
Vem que o buião tá fervendo
Depois só no mês de novembro
Mês de Zumbi saravar
E de parar pra pensar
O dia é tanto treze quanto vinte
Avia que o negócio é o seguinte
Um é feriado novo
O outro é de todo esse povo
Vamos os dois festejar

Fonte: <https://www.letras.mus.br/wilson-moreira/jongueiro-cumba/> Acessado em: 15/08/2021.

Os fragmentos acima mostram o quanto datas comemorativas podem estar entremeadas por uma série de disputas políticas, além de problematizar os discursos entre comunidades e movimentos negros em toda sua diversidade. Assim nos precavemos do “Perigo de uma História Única”, como nos diz

Chimamanda Ngozi Adichie. Lembrando que outros documentos podem ser acrescentados, como aqueles que demonstram as propagandas do Império em torno da Abolição e as matérias jornalísticas que registraram os protestos da *Guarda Negra*, em comemoração pelo Treze de Maio e em defesa da família real após a Proclamação da República.

Propostas:

- a) Identificar os tipos de fontes dessa ficha.
- b) Reconhecer a contradição que há entre as duas fontes.
- c) Ampliar o debate sobre a situação dos negros inseridos na sociedade brasileira no pós-abolição e as formas de resistência, especialmente pelo viés cultural do jongo/caxambu.
- d) Realizar, a partir de *jongueiro cumba*, uma série de pesquisas sobre o significado de *cumba* e *macumba*, além da influência de línguas centro-africanas no idioma português falado no Brasil.
- e) Propor uma pesquisa sobre a criação do Movimento Negro Unificado (MNU) e sua relação com as comemorações em torno do Vinte de novembro, traçando um paralelo entre as atuações políticas do movimento com as experiências das comunidades jongueiras.

EIXO: CUMBAS – MESTRES DA PALAVRA

Nesse terceiro eixo, abordamos os próprios sujeitos que salvaguardam o jongo – as jongueiras e jongueiros. Porém, destacamos aqui não apenas aquilo que é próprio, ou melhor, “autêntico” do jongo, mas mulheres, homens, ritmos, culturas e performances que possuam ressonância ou que tenham no jongo uma possibilidade de matriz para outra manifestação, incluindo, então, o partido alto, afro-sambas, macumbas, artistas etc. Abordamos aqui as dimensões dialógica e sensível trabalhadas por Hermeto.

Sugerimos nesse eixo que seja realizada uma grande culminância que inclua a performance junto a espaços de exposição que valorizem os sujeitos e colaborem no combate ao racismo religioso, individual, institucional e estrutural a partir do espaço escolar. A celebração poderá se realizar a partir da prática do jongo, que pode dar-se no modelo de apresentação ou oficina, e um roteiro interativo inspirado no projeto *Turismo em Terra de Jongueiro*³ que, através de cartazes e QRCODE, destacou os pontos turísticos e seus sujeitos, além de fontes históricas, realizado em parceria pelo Laboratório da imagem Documental em Educação (LIDE) e o *Pontão de Cultura Jongo do Sudeste*, em uma perspectiva turística deslocada da lógica da *Casa Grande*.

A construção de um espaço museal e da própria prática do jongo poderá ainda ter como referência a dissertação do programa Profhistoria – *Isso é Coisa de Macumba?* Carolina Ferreira produziu, junto a um grupo de trabalho formado por discentes e desenvolvido em contraturno, um material didático, a partir de visitas a museus, com a descrição e a problematização das peças. Tal prática mostra-se uma alternativa para as escolas regulares que não trabalham em horário de turno-único, integral ou, ainda, que disponibilize disciplinas eletivas. O trabalho é uma referência para a abordagem com peças e objetos das matrizes afro-brasileiras e católicas tão presentes na prática e na cultura do jongo.

³ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=9N0xIcoiVNC> Acessado em: 23/08/2021.



EIXO: CUMBAS – MESTRES DA PALAVRA

MATERIAL DE APOIO 1: FRAGMENTO DO TEXTO: “EU VENHO DE MUITO LONGE, EU VENHO CAVANDO”: JONGUEIROS CUMBA NA SENZALA CENTRO-AFRICANA. POR ROBERT SLENES.

O jato de pinga de Chico Perpétuo, “temperado com palavras” e direcionado aos olhos de sua vítima, é um verdadeiro n`zôngo myan`nua, um “tiro/combate com a boca”. A “estória” de Borges Ribeiro expressa diretamente a visão nominalista do poder das palavras sobre as coisas, ecoando os numerosos exemplos de sérios jogos de palavras entre os kongo dados por MacGaffey. Reforça, portanto, a idéia de que falantes de kikongo no Brasil faziam ligações semelhantes entre as palavras agrupadas em torno dos vários sentidos barulhentos de kúmba.

Entretanto, o grande “redemoinho” ou “abismo” (kikongo ki-nkumba) das “palavras kumba” se estende muito além daquilo que vimos até agora. Ademais, ele exige nossa atenção, pois define uma constelação de significados sagrados que joga sua luz largamente na zona atlântica da África Central, no longínquo interior do continente e até em Cuba.

De fato, a constelação kumba em kikongo permite resolver uma questão chave colocada por Borges Ribeiro para um informante ex-escravo. Intrigava a folclorista a base conceitual semelhante entre, de um lado, os “pontos” dos jongos e, de outro, os “pontos cantados” e “pontos riscados” (no chão) no espaço ritual da macumba, que também traziam mensagens codificadas precisando de “desate”.

Sua suspeita de que havia um contraponto entre esses diversos signos cifrados foi confirmada quando ouviu de seu informante que “cumba era o poderoso, macumba era o terreiro onde os cumbas se reuniam, (...) macumba era um grupo de cumbas”. Para entender melhor essa conexão, ajuda saber que nos dicionários brasileiros uma variante de “cumba” é “cuba”; o primeiro significa “feiticeiro, valentão”; o segundo também se refere a “feiticeiro” e (em Pernambuco) a “indivíduo influente, poderoso, (...) matreiro”. Chama a atenção, portanto, que kúba em kikongo – “crescer forte, estar forte, velho, bem-usado” – nos conduz ao substantivo kukuba, “alguém desenvolvido, formado, adulto”, do qual o plural é makuba – não muito longe, semântica e foneticamente, de macumba, “grupo de poderosos”.

O que é macumba?

Referências: macumba; cumba; Slenes.

Fonte: Slenes, Robert W. Memória do Jongo: as gravações históricas de Stanley J. Stein. Vassouras, 1949. / organização, Silvia Hunold Lara, Gustavo Pacheco. - Rio de Janeiro: Folha Seca; Campinas, SP : CECULT, 2007. pp. 139 e 140.



EIXO: CUMBAS – MESTRES DA PALAVRA

MATERIAL DE APOIO 2: MANO ELÓI

Um dos jongueiros de maior representação de resistência, sem dúvida, foi Elói Antero Dias, ou simplesmente, Mano Elói. Demonstrara ser a grande expressão da resistência associativista dos jongueiros que alguns folcloristas, sem entenderem a potência desses diálogos muito por conta dos próprios preconceitos, descreviam como um traço de resignação paternalista. Nascido no distrito de Engenheiro Passos, em Resende, Vale do Paraíba fluminense, no ano de 1888. Mano Eloy foi estivador e fundador do Sindicato da Estiva e dos Arrumadores, chegando ao cargo de presidente, tendo também dirigido a União Geral das Escolas de Samba, a Federação Brasileira das Escolas de Samba e o próprio Império Serrano. Dessa forma, Elói marcou o importante papel do associativismo para a população negra no processo de exclusão do pós-abolição: fazer parte de um grupo, de uma associação, era uma forma de posituação de sua imagem perante a sociedade. Aquele que era informal estaria apartado daquilo que era considerado legal, positivo na sociedade. Portanto, pertencer a uma associação consistia em uma estratégia para se contrapor aos estereótipos que viam o negro como incapaz de se organizar, familiar e socialmente – no caso das associações negras, seria também uma forma de resistência ao racismo (Furtado, 2000; Ianni, 1966).

Mano Eloy além de promover rodas de jongo no Morro da Serrinha ao lado de *Silas de Oliveira, Paulinho, Olímpio Navalhada e Aniceto do Império*⁴ foi ainda Tata de Umbanda, tendo sido dele o primeiro registro fonográfico de uma macumba, ao lado do baiano Getúlio Marinho, gravando três pontos para a Odeon, em 1930 – Ponto de Iansã (Inhanssan) e Canto de Ogum e Canto de Exu – não restando assim a menor dúvida de que esse encontro entre oriundos do velho Vale do Paraíba com as baianas e baianos dos Candomblés na *Pequena e Grande África*, deu samba.

Mano Elói

Referências: samba; escola de samba; sindicato; jongo.

Fonte: Adaptado de TAVARES, Alessandra. Mano Eloy e a Deixa Malhar: Escolas de samba, associativismo e resistência negra organizada no pós-abolição. Rio de Janeiro, 2020.

⁴ DICIONÁRIO CRAVO ALBIN DE MÚSICA POPULAR BRASILEIRA. Verbete Mano Elói. Disponível em: < <https://dicionariompb.com.br/mano-eloi/biografia> > . Acesso em jul. 2020.



EIXO: CUMBAS – MESTRES DA PALAVRA

MATERIAL DE APOIO 3: O PONTO DA ÁGUA - JONGO E A FORMAÇÃO DAS AGREMIÇÕES

O caráter associativista e comunitário dos jongueiros, organizados na base familiar, que por muitas vezes juntos às demais populações negras eram apartados de participação nos *clubs*, pôde ser observado na própria formação das Escolas de Samba, como a Portela. Mestre Candeia nos explicou que a agremiação surgiu após intensa interação com a turma do Estácio que frequentava as rodas de Jongo no quintal da família de Natal, numa intersecção do que vem a ser hoje os bairros de Madureira, Rocha Miranda, Turiaçu e Osvaldo Cruz. Candeia, em parceria com Isnard, em seu livro – *Escolas de Samba: a árvore que esqueceu a raiz*, narra que a partir de reuniões de jongueiros sob uma mangueira, na casa do Sr. Napoleão, pai de Natal, fundador da referida agremiação que promovia *caxambus*, assim nos dizem ser inegável a influência dessas festas no processo de constituição da agremiação:

Sr. Napoleão, pai de Natal, Vicentina e Nozinho, organizavam, em seu terreiro, reuniões de caxambu. A essas reuniões compareciam elementos do Estácio como Ismael Silva, Brancura, Valdemar da Babilônia, Baiaco entre outros. Esses convidados compareciam às festas através da irmã do Sr. Napoleão, tia de Natal, que por sua vez era de outra lei e só participava depois de conseguir “Malene” (bênção, licença, perdão) do Sr. Napoleão, dono e responsável pelo terreiro. É inegável a influência dessas festas tipos reuniões de “caxambu e jongo que o sr. Napoleão e Sr. Vieira faziam realizar. Essas reuniões duravam, às vezes, dois dias. Eram também precedidas de baile com sanfona, onde todos comiam e bebiam e principalmente se divertiam. Queremos deixar claro que o Estácio não existia como Escola de Samba, mas os sambistas daquela região que vinham à “roça”, como era considerada Osvaldo Cruz, incentivaram os primeiros sambistas da azul e branco e indiretamente influenciaram o nascimento da Portela.

Mestre Candeia

Referências: Portela; Jongo; Candeia; Natal; Madureira.

Fonte: Candeia e Isnard. *Escolas de samba: a árvore que esqueceu a raiz*. Rio de Janeiro: Lidador/SEEC, 1978.



EIXO: CUMBAS – MESTRES DA PALAVRA

MATERIAL DE APOIO 4: CANTORA APARECIDA

Aparecida, a voz dos orixás

13/05/2020 | Por Marco Sá

Nascida Maria **Aparecida** Martins, em 1939, em Caxambu (MG), mudou-se ainda criança para o Rio de Janeiro. Na mesma Vila Isabel de Martinho e Noel, trabalhou como passadeira. Com os mais velhos da família, aprendeu ritmos africanos e já na adolescência começou suas primeiras composições. Foi passista no grupo de Salvador Batista por dez anos até que, no início da década de 1960, ao participar do filme “Benito Sereno e o Navio Negreiro”, ganhou uma viagem à França. Em uma boate por lá, interpretou, pela primeira vez, suas músicas.

Voltou ao Brasil em 1965, quando venceu o Concurso de Música de Carnaval do IV Centenário da Cidade do Rio de Janeiro. Nesse mesmo ano, seu samba “Zumbi, Zumbi” venceu o III Festival de Música de Favela, representando a comunidade da Cafúia, de Coelho Neto, na Zona Norte. Em 1968, foi a segunda mulher, depois de Dona Ivone Lara, a vencer uma disputa de samba-enredo, com “A sonata das matas”, para a Caprichosos de Pilares.

O primeiro disco solo veio nesse meio, em 1966, quando adaptou a folclórica “A Maria Começa a Beber”, em que saúda Clementina de Jesus, e registrou parcerias com Jair Paulo, como “Talundê”, “Nanã Boroquê” e “Segredos do mar”, e também as suas “Meu São Benedito”, “Inferno verde” e “Tereza Aragão”. Esta última era uma homenagem à atriz, produtora e militante política, que ajudou a revelar nomes como Martinho e Beth Carvalho, além dela própria.

Demorou mais 10 anos para lançar seu segundo LP, “Foram 17 anos”, considerado seu grande trabalho. A faixa-título exalta a própria luta e o novo trabalho incluía canções como “Grongiô, propoiô” (parceria com João R. Xavier e Mariozinho de Acari), “Lágrimas de Oxum” e “Diongo, mundiongo”. Destaque para a faixa “Todo mundo é preto” e seus versos “Vou chamar no meu terreiro / Pretas velhas e rei congo / Quero ver os feiticeiros / Cantar e dançar o jongo / Todo mundo é preto”. Produzido por Durval Ferreira, o álbum tinha músicos de referência, como Hécio Milito (Tamba Trio), o ícone do sambalongo Orlandivo e o coro do conjunto As Gatas, além da participação luxuosa de Sivuca.

Nos anos seguintes, vieram “Grandes sucessos” (1977), “Cantigas de fé” (1978), “13 de maio” (1979), “Os Deuses Afros” (1980) e o derradeiro “A rosa do mar” (1983). Em 1974, também participou dois volumes dos discos “Roda de Samba”. No primeiro, registrou a sua “Boa Noite”. No segundo, que também trazia o imortal Nelson Cavaquinho, interpretou Proteção (David Lima e Pinga) e Rosas para Iansã (Josefina de Lima), esta com piano de João Donato e sopros de Marcio Montarroyos e Victor Assis Brasil. Seus fonogramas são marcados por belos arranjos para o samba e ritmos africanos, e, claro, pela religiosidade.

Faleceu em 1985, aos 45 anos. Em 1996, a gravadora CID relançou em CD o disco “Aparecida, Samba, Afro, Axé”. Apesar da considerável discografia e da arrebatadora voz, Aparecida não obteve o chamado “sucesso comercial” e nenhum desses discos está disponível nas plataformas de *streaming*. No Spotify, por exemplo, há apenas uma coletânea. No YouTube, colecionadores disponibilizam informalmente a obra incompleta. Mesmo assim, seu canto resiste. Neste 13 de maio, urge conhecer melhor a artista que exaltou os terreiros e a negritude, abrindo caminhos.

Cantora Aparecida

Referências: Samba; Aparecida; jongo; afro; macumbas

Fonte: <https://pitayacultural.com.br/musica/aparecida-a-voz-dos-orixas/> Acessado em: 03/09/2021.



EIXO: CUMBAS – MESTRES DA PALAVRA

MATERIAL DE APOIO 5: OBSERVATÓRIO DO PATRIMÔNIO – JONGO NO SUDESTE

Um legado centro-africano: Patrimônio familiar e luta antirracista no Sudeste

Por seus fundamentos, valores ancestrais e pela história de seus detentores, o Jongo foi registrado como uma forma de expressão de comunidades negras do Sudeste, formadas por descendentes de africanos escravizados. Nos terreiros das antigas fazendas de café, jongs eram cantados e dançados ao ritmo da percussão de tambores e cumpriam várias funções: reverência aos ancestrais, religiosidade, comunicação, crônica crítica do cotidiano, diversão, desafio, entre outras. Após o fim da escravidão, o caráter coletivo e o poder de articulação dos jongs (versos chamados de pontos) mantinham uma rede de comunicação entre jongueiros, fortaleciam os laços familiares e as ações antirracistas. Das antigas fazendas de café, os jongs e os jongueiros migraram também para pequenas e grandes cidades do Sudeste e mantêm, até hoje, uma forte ligação com as escolas de samba.

Como metodologia de trabalho, o Pontão de Cultura do Jongo/Caxambu adotou o registro audiovisual de todas as suas ações. Tal iniciativa só foi possível pela parceria com o Observatório Jovem, grupo de pesquisa e extensão da Faculdade de Educação da UFF. A parceria resultou na criação do LIDE (Laboratório de Imagem Documental em Educação), um laboratório de imagem multiuso que conta com o apoio valioso de graduados e graduandos dos cursos de Cinema e Audiovisual, Estudos de Mídia, Produção Cultural e Pedagogia da UFF.

Mestre Cacalo, Toninho Canecão, Mãe Zeferina, Tio Enéas, Tia Maria do Jongo, Mestre Darcy, a juventude de Suellen da Serrinha e o trabalho de inúmeras comunidades jongueiras estão documentados pelo portal *Observatório do Patrimônio – Jongo no Sudeste*. Além dos documentários, há importantes textos e registros fotográficos. Procure a comunidade ou a jongueira ou jongueiro que você deseja inserir em sua pesquisa. Afinal, como diz Suellen da Serrinha – “A salvaguarda do jongo é o jongueiro”.

Acesse o portal pelo QRCODE ao lado.



Portal Observatório do Patrimônio: O jongo no Sudeste. Acessado em: 03/09/2021.

Fonte: <http://observatoriodopatrimonio.com.br/site/index.php/itens-de-patrimonio/jongo> Acessado em:

03/09/2021.



EIXO: CUMBAS – MESTRES DA PALAVRA

ATIVIDADE 1: ENCANDEIA MEU CANDIÁ

Candeia é um dos grandes nomes do mundo do samba. Com uma vida marcada pelo drama da violência e pela resistência cultural negra, foi o criador do Grêmio Recreativo de Arte Negra e Escola de Samba Quilombo – G.R.A.N.E.S., fundado em 1975, junto a outros grandes cumbas como Nei Lopes e Wilson Moreira. O objetivo era se contrapor ao modelo comercial, crescente desde a década de 1960 e cada vez mais consolidado nos anos de 1970. A agremiação carnavalesca se pautava na valorização da “arte popular, banida das escolas de samba” (LOPES; SIMAS, 2015, n.p).



"Pra cantar samba
Veja o tema na lembrança
Cego é quem vê
Só aonde a vista alcança
Mandeí meu dicionário às favas
Mudo é quem
Só se comunica com palavras
Se o dia nasce,
Renasce o samba
Se o dia morre,
Revive o samba"

(Candeia. *17/08/1935 – +16/11/1978)



Figuras 1 e 2 – Candeia e os tiros da palavra de um velho Cumba.

Fontes: <https://preservandoasraizes.wordpress.com/2015/08/14/se-vivo-candeia-faria-80-anos-em-17-agosto-como-dizia-pra-cantar-samba-e-preciso-muito-mais/>; <https://ceert.org.br/noticias/historia-cultura-arte/5822/veja-a-biografia-do-sambista-cantor-e-compositor-brasileiro-candeia> Acessados em: 07/08/2021.

Daria um filme... vamos juntos pesquisar a vida e a obra do grande Mestre Candeia para em seguida produzirmos um material com as seguintes propostas:

- Um painel interativo com QRCODE de suas apresentações e entrevistas;
- Construir um espaço de memória em homenagem ao bairro de Madureira e sua territorialidade negra;
- E um segundo espaço sobre Grêmio Recreativo de Arte Negra e Escola de Samba Quilombo – G.R.A.N.E.S.



EIXO: CUMBAS – MESTRES DA PALAVRA

ATIVIDADE 2: MANO ELÓI

Mano Elói foi um jongueiro que fundou várias associações tais como Escolas de samba e sindicatos, além de ter exercido liderança espiritual e promovido jongos. Também pertence a Elói o primeiro registro fonográfico de macumba. Para ouvi-lo, acesse o QR CODE abaixo:



Figura 3 – Mano Elói. Fotografia exposta na galeria de presidentes do Império Serrano. Fontes: <https://imperioserranocultural.webnode.com/presidentes/>; Registro fonográfico disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=1phmz3Zo0uo> Acessados em: 07/08/2021.

As formas de resistências negras são diversas, mas, ao mesmo tempo, ainda muito desconhecidas. Vamos elaborar uma exposição sobre a obra e vida do jongueiro, sambista, líder religioso e sindicalista, Elói Antero Dias, destacando as escolas de samba, sindicatos, umbandas e, claro, os jongos por ele fundados ou organizados. Vamos dividir as turmas em grupos de até cinco pessoas para abordarmos cada uma dessas expressões ou manifestações realizadas por Mano Elói.



EIXO: CUMBAS – MESTRES DA PALAVRA

ATIVIDADE 3: CANTORA APARECIDA

A cantora Aparecida foi uma artista que se destacou no cenário musical ao gravar sambas, jongs e macumbas. Vamos ouvir o podcast do programa cultural *Fala, Pitaya*:



Fonte: <https://pitayacultural.com.br/podcast/fala-pitaya-serie-especial-aparecida-padeirinho-da-mangueira-e-anescarzinho-do-salgueiro/> Acessado em: 07/08/2021.

Vamos juntos pesquisar a vida e a obra da cantora Aparecida para em seguida produzirmos um material com as seguintes propostas:

a) Como observado no material, Aparecida nasceu na cidade de Caxambu/MG. Que tal criarmos um breve relatório da cidade, relacionado com a trajetória da cantora Aparecida, levando em conta os seguintes pontos:

- Pesquisar a origem do nome Caxambu que batiza a cidade e como esse se encontra encruzado nas tradições negras e indígenas;
- levantar a história da cidade em seus aspectos econômicos, culturais e as marcas da presença negra;
- Investigar os motivos que teriam levado Aparecida e sua família a migrarem para o Rio de Janeiro;
- Relacionar de que modo os *Pretos Velhos* e jongueiros são lembrados nas letras das músicas *Diongo Mundiongo* e *Todo Mundo é Preto*;
- Verificar se as músicas de Aparecida já estão presentes nas principais plataformas de vídeos e streaming como o *Youtube* e o *Spotify*.

b) Agora, que tal uma bela exposição com as informações levantadas sobre essa *cumba* – a cantora Aparecida?



EIXO: CUMBAS – MESTRES DA PALAVRA

ATIVIDADE 4: CUMBAS DO SÉCULO XXI

Na ficha da atividade 4, o destaque é para os novos cumbas, as maiores referências do rap no cenário nacional, o grupo Racionais MC's. As palavras cortantes das culturas negras, assim como o jongo, atravessam todo o continente, demonstrando que, do Prata ao Bering, a música popular é Black.

Figura 5 – Foto de Divulgação da Produtora Boogie Naípe:



Fonte:

https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/diversao-e-arte/2018/02/21/interna_diversao_arte,661427/racionais-mc-s-dao-pausa-na-carreira-por-tempo-indeterminado.shtml

Acessado em: 03/09/2021.

Trecho de Capítulo 4 Versículo 3

Mano Brown, Ice Blue e Edi Rock

Minha intenção é ruim... esvazia o lugar
Eu tô em cima, eu tô afim... um dois pra
atirar
Eu sou bem pior do que você tá vendo
O preto aqui não tem dó... é 100 por cento
veneno
A primeira faz bum, a segunda faz tá
Eu tenho uma missão e não vou parar
Meu estilo é pesado e faz tremer o chão
Minha palavra vale um tiro... eu tenho muita
munição.
[...]

Trecho de Cava Cava

Edi Rock

Negô
Cortando a city por baixo, é igual metrô
pião
Vem nego Jão, sujão obstinado
Sem arco-íris, mas o pote de ouro é do outro
lado
Na missão
Cava meio, meio, meio metro a frente
Sem freio, mais meio
Cava, cava, cava
Bloqueio
Vamos derretê-lo cava, cava
Tá cheio, mais meio
Vou cavar que eu quero
[...]

Referências: Racionais Mc's. *Capítulo 4, Versículo 3*. São Paulo: Sobrevivendo no Inferno. Cosa Nostra, 1997; Edi Rock. *Cava Cava*. São Paulo: Contra Nós Ninguém Será. Baga Records, 2013.

A partir dos versos de improviso e das críticas “atiradas” de acordo com o contexto histórico, vamos debater os trechos de *Capítulo 4, Versículo 3* e *Cava Cava* dos Racionais MC's e relacionar como a cultura do Rap se assemelha ao jongo.

Na fotografia, há um quadro ao fundo de um grande cumba afro-americano, reconhecido pela força de suas palavras nos discursos em prol do povo negro, chamado Malcolm X. Vamos agendar um debate sobre sua biografia e como seus discursos influenciaram a música negra do jazz ao rap, após pesquisa

e exibição de trechos do filme, dirigido por Spike Lee, sobre sua vida.

Eu me Encruzo no Jongo e no Rap: o Slam na Escola. Chegou a hora de promovermos uma superbatalha durante a programação da Rádio Recreio, refletindo as influências de partideiros, repentistas, versadores e, claro, jongueiros. NÃO PERCA!!

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABREU**, Martha; Dantas Carolina. *Monteiro Lopes e Eduardo das Neves: histórias não contadas da Primeira República* [livro eletrônico]. Niterói: Eduff, 2020. – 1,3Mb ; PDF. – (Coleção Personagens do pós-abolição: trajetórias, e sentidos de liberdade no Brasil republicano, v. 1), p. 150.
- ABREU**, Martha e Matos, Hebe. *Etnia e Identidades; Resistências, Abolição e Cidadania*.
Tempo, Vol. 3 – n. 6, Dezembro de 1998.
- ABREU**, Martha; Mattos, Hebe; Grinberg, Keila. *História pública, ensino de história e educação antirracista*. Revista História Hoje, v. 8, nº 15, p. 17-38 – 2019. p. 33.
- ABREU**, Martha; Mattos, Hebe; Vianna Dantas, Carolina. Em torno do passado escravista: as ações afirmativas e os historiadores. *Antíteses*, vol. 3, núm. 5, enero-junio, 2010, pp. 21-37
Universidade Estadual de Londrina. Londrina, Brasil.
- ABREU**, Martha; Mattos, Hebe e Gurán, Milton. Por uma história pública dos africanos escravizados no Brasil. Rio de Janeiro: FGV, v. 27 n. 54 (2014).
- ABREU**, Martha; Xavier, Giovanna; Monteiro, Livia; Brasil, Eric (orgs). *Cultura negra vol. 1: festas, carnavais e patrimônios negros*. Niterói: Eduff, 2018.
- ABREU**, Regina. *Quando o campo é o patrimônio: notas sobre a participação de antropólogos nas questões do patrimônio*. Goiania: Revista Sociedade e Cultura, n.2, v.8, p. 37-52.
- AGOSTINI**, Camilla. “*Comunidade e conflito na senzala: africanos, afro-descendentes e a formação de identidades em Vassouras, 1820-1860*”. Dissertação de mestrado, Campinas: Unicamp, 2002.
- ALENCASTRO**, Luiz Felipe de. *O Trato dos Viventes: formação do Brasil no Atlântico Sul*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- ALMEIDA**, Jaime. Foliões e festas em São Luís do Paraitinga na passagem do século, 1888- 1918. Tese de doutorado. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1988.
- ALMEIDA**, Silvio de. *Racismo Estrutural*. São Paulo: Pólen, 2019.
- AMORIM**, Sara Passabon. *A Performance Bantu do Caxambu: entre a ancestralidade e a contemporaneidade*. [Recurso Eletrônico] Vitória: Causa, 2017.
- BITTENCOURT**, Circe. Livro didático e saber escolar: 1810-1970. Autentica: Belo Horizonte, MG, 2004. p. 60-61 e 164-168.
- _____. Ensino de História: fundamentos e métodos. São Paulo: Cortez, 2008.
- CALVINO**, Ítalo. *A palavra Escrita e a não Escrita*. In: Amado, Janaína e Moraes, Marieta de (orgs.). *Usos e Abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

CANCLINI, Néstor Garcia. *Las culturas populares en el capitalismo*. México, DF: NuevaImagen, 1989. 1. ed. 1982.

_____. *Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. São Paulo: EDUSP, 1997.

CANDEIA e ISNARD. Escolas de samba: a árvore que esqueceu a raiz. Rio de Janeiro: Lidador/SEEC, 1978.

CARNEIRO, Edison. “Samba de umbigada” [1961], reeditado em *Folguedos tradicionais*, 2ª ed., Rio de Janeiro: Funarte, Instituto Nacional do Folclore, 1982.

CARMO, Ione Maria do. “O Caxambu Tem Dendê”: Jongo e religiosidades na construção da identidade quilombola de São José da Serra. Dissertação (Mestrado). Programa de PósGraduação em História – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.

CARVALHO, Pâmela Cristina Nunes de. “*Eu piso na matamba*”: *Epistemologia jongueira e reeducação das relações raciais*. Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da UFRJ, 2020.

CAVALCANTE, Maria Laura e **CORREA**, Joana (org.). *Enlaces: estudos de folclore e culturas populares*. Rio de Janeiro: IPHAN, 2018

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano*. Petrópolis: Vozes, 1990.

CHALHOUB, Sidney. *Visões da liberdade: uma história das últimas décadas da escravidão na Corte*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

FERNANDES. Valéria e Vargens, João Baptista. *O jongo no Rio de ontem e hoje*. Petrópolis: Editora Vozes, 1986.

FERREIRA, M. G. *Crítica a uma proposta de educação física direcionada à promoção da saúde a partir do referencial da sociologia do currículo e da pedagogia crítico-superadora*. Rio Grande do Sul: Movimento, 1997.

FERREIRA, Carolina Barcellos. TESE “*Isso é coisa de macumba?*” *Elaboração de um material pedagógico de História sobre as religiosidades afro-brasileiras em museus do Rio de Janeiro*. Dissertação (Mestrado Profissional em Rede Nacional PROFHISTORIA) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Faculdade de Formação de Professores. 2016.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996 (coleção Leitura).

FREIRE, Paulo. *Ação cultural para a liberdade*. 4 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

FREIRE, Paulo. *Educação como prática da liberdade*. 10 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido*. 4 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

FREIRE, Paulo. *Extensão ou comunicação*. 10 ed. Tradução de Rosisca Darcy de Oliveira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

GALLET, Luciano. *Estudos de folclore*. Rio de Janeiro: Carlos Wehrs e Cia, 1934.

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 11, n. 23, p. 15-36, jan/jun 2005.

GRAHAM, Richard. *A família escrava no Brasil Colonial*. In: Escravidão, Reforma e Imperialismo. São Paulo, Perspectiva, 1979.

GREENBLATT, Stephen. *Ressonance and Wonder*. In: Karp, Ivan; Lavine, Steven L. (Ed.). *Exhibiting cultures: the poetics and politics of museums display*. Washington: Smithsonian Institution Press, 1991.

GRINBERG, Keila; Mamigonian, Beatriz Gallotti. *O crime de redução de pessoa livre à escravidão no Brasil oitocentista*. Revista Mundos do Trabalho, Florianópolis, v. 13, 2021.

GUEDES, Rafael Pereira. *Negritude e Sambas enredo no Carnaval de 1988: a Caixa do Samba e os G.R.E.S. Beija-Flor, Mangueira, Tradição e Vila Isabel em interface com o ensino de história*. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em História – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019.

HARTOG, François. *Regimes de Historicidade*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

HERMETO, Miriam. **Canção Popular Brasileira e Ensino de História: palavras, sons e tantos sentidos** (Coleções Práticas Docentes). Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012.
(Recurso eletrônico Kindle).

LARA, Silvia Hunold; Pacheco, Gustavo (org.). *Memória do Jongo: as gravações históricas de Stanley J. Stein*. Vassouras,

1949. Rio de Janeiro: Folha Seca; Campinas, SP: CECULT, 2007.

LÉPINE, Lépine, Claude. *Os dois reis do Danxome: varíola e monarquia na África Ocidental: 1650-1800*. Marília: Unesp-Marília-Publicações; São Paulo : FAPESP, 2000.

LOPES, Nei. *Bantos, malês e identidade negra* / Nei Lopes. – 3. Ed. – Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011.

_____. *Kitábu: o livro do saber e do espírito negro-africanos*. Rio de Janeiro: Pallas, 2004.

LOPES, José de Sousa Miguel. *Cultura Acústica e Letramento em Moçambique: em busca de fundamentos antropológicos para uma educação intercultural*. São Paulo: EDUC, 2004.

MACGAFFEY, W. Religion and society in Central Africa: the bakongo of lower Zaire. Chicago: Tapa Blanda, 1986.

MENESES, Ulpiano T. Bezerra. *A História, Cativa da Memória? Para um mapeamento da memória no campo das Ciências Sociais*. São Paulo: Revista do Instituto de Estudos Brasileiros, 1992, n. 34, p. 9 – 24.

MUNANGA, Kabengele. *Negritude; usos e sentidos*. São Paulo: Ática, 2010.

NABUCO, Joaquim. *Um Estadista do Império (1897-1899)*, Rio de Janeiro, Topbooks, 1997.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. IN: *Projetos História*. São Paulo, dez. 1993. Disponível

em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/viewFile/12101/8763>>. Acessado em 02/05/2017.

POLLAK, Michael. Memória, Esquecimento, Silêncio. IN: Estudos Históricos. Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989.

_____. Memória e identidade social. IN: Estudos Históricos. Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992.

RADULET, Carmem. O cronista Rui de Pina e a Relação do Reino do Congo. Lisboa, Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1992.

RAYMOND, Lavínia Costa. Algumas danças populares no Estado de São Paulo. Boletim da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, boletim n. 191, Sociologia n. 6, 1954.

REIS, João José; Silva, Eduardo. Negociação e Conflito: a resistência negra no Brasil escravista. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

RIBEIRO, Maria de Lourdes Borges. *O Jongo*. Rio de Janeiro: Funarte, Instituto Nacional do Folclore, 1984.

RODRIGUES, Nina. *Os Africanos no Brasil*. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 5. Ed., 1977.

ROMERO, Silvio. *História da literatura brasileira*. Rio de Janeiro: José Olympio, tomo I, 1953.

RUFINO, Luiz. *Pedagogia das Encruzilhadas*. Rio de Janeiro: Mórula Editorial, 2019.

_____. Ah, meu filho, o Jongo tem suas mumunhas!: um estudo com os jongueiros e suas narrativas. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Educação – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.

RÜSEN, J. Razão histórica. In: RÜSEN, J. Teoria da história: os fundamentos da ciência histórica. Brasília: Editora da UnB, 2001.

SANFILIPPO, Lucio Bernard. *Interdisciplinando a cultura na escola com o jongo* – 1ª edição – Editora Multifoco, 2011.

SANT'ANNA, Marcia. A face imaterial do patrimônio cultural. In: ABREU, Regina; CHAGAS, Mário. Memória e patrimônio, Rio de Janeiro: Ed. DPA, 2003.

SACRAMENTO, Mônica. *Coletânea O Jongo na Escola: uma aposta no diálogo entre saberes de dois territórios*. XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais. Salvador: UFBA.

SANTOS, Tiganá Santana Neves. A cosmologia africana dos bantu-kongo por Bunseki Fu-Kiau: tradução negra, reflexões e diálogos a partir do Brasil. Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução do Departamento de Letras Modernas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.

SCHWARCZ, Lilia Moritz; Gomes, Flávio dos Santos. *Dicionário da Escravidão e Liberdade: cinquenta textos escritos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

SILVA, Sormani da. *Mano Elói e o samba na dinâmica da cultura negra brasileira: um semeador de escolas de samba*. Textos escolhidos de cultura e arte populares, Rio de Janeiro, v.12, n.2, p. 103- 115, nov. 2015.

SIMAS, Luiz Antônio. *Pedrinhas Miudinhas: Ensaios sobre ruas, aldeias e terreiros*. Rio de Janeiro: Mórula Editorial, 2013.

_____. Rufino, Luiz. *Fogo no mato: a ciência encantada das macumbas*. 1. ed. Rio de Janeiro: Mórula, 2018.

SLENES, Robert Wayne. Na senzala, uma flor – esperanças e recordações na formação da família escrava: Brasil Sudeste, século XIX. 2ª ed. corrigida. Campinas: Editora da Unicamp, 2011.

SIMONARD, Pedro; Borges, Ana Carolina Silva. *Memórias do Cativo, Jongo e Cidadania em Pinheiral*. Salvador: Centro de Estudos Afro-Orientais, UFBA, 2018. p. 84.

TAVARES, Alessandra. *Mano Eloy e a Deixa Malhar: Escolas de samba, associativismo e resistência negra organizada no pós-abolição*. Acervo, Rio de Janeiro, v. 33, n. 3, p. 198-219, set./dez. 2020.

THOMPSON, E. P. *Costumes em comum*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

_____. A formação da classe operária inglesa. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. vol. 1 - A árvore da liberdade.

THOMPSON, R. Cornet. *The four moments of the sun: Kongo art in two worlds*. Tapa Blanda, 1981.

SLENES, Robert W. *Malungu, ngoma vem! : África coberta e descoberta do Brasil*. São Paulo: Revista Usp n.12, 1992.

MENESES. Ulpiano T. Bezerra. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*. São Paulo, 1992.

VAINFAS, R.; SOUZA, Marina de Mello. Catolização e poder no tempo do tráfico: o reino do Congo da conversão coroada ao movimento antoniano, séculos XV-XVIII. *Revista Tempo (UFF)*: Niterói, 1998.

VIANNA, L. *Patrimônio Imaterial: novas leis para preservar... o quê?* Salto para o Futuro – Cultura Popular e Educação, 24 a 28/ 2003.

VILHENA, Luís Rodolfo. *Projeto e missão. O movimento folclórico brasileiro, 1947-1964*. Rio de Janeiro, Fundação Getulio Vargas, Funarte, Ministério da Cultura, 1997.

Documentos e Fontes:

BRASIL. Ato das Disposições Constitucionais Transitórias. Art. 68. Aos remanescentes das comunidades dos quilombos que estejam ocupando suas terras é reconhecida a propriedade definitiva, devendo o Estado emitir-lhes os títulos respectivos. Brasília, DF: Senado, 1988.

BRASIL. Decreto-lei Nº 1.695, de 15 de setembro de 1869. Prohibe as vendas de escravos debaixo de pregão e em exposição publica. Coleção de Leis do Império do Brasil - 1869, Página 129 Vol. 1 pt. I (Publicação Original).

BRASIL. Lei Nº 2.040, de 28 de setembro de 1871. Declara de condição livre os

filhos de mulher escrava que nascerem desde a data desta lei, libertos os escravos da Nação e outros, e providencia sobre a criação e tratamento daquelles filhos menores e sobre a libertação annul de escravos. Coleção de Leis do Império do Brasil – 1871.

BRASIL. Lei nº 3.270, de 28 de setembro de 1885. Regula a extinção gradual do elemento servil. Coleção de Leis do Império do Brasil – 1885.

BRASIL. Decreto Nº 3.551, de 4 de agosto de 2000. Institui o Registro de Bens Culturais de Natureza Imaterial que constituem patrimônio cultural brasileiro, cria o Programa Nacional do Patrimônio Imaterial e dá outras providências. Brasília, DF: Planalto, 2001.

BRASIL. Decreto nº 4887, de 20 de novembro de 2003. Regulamenta o procedimento para identificação, reconhecimento, delimitação, demarcação e titulação das terras ocupadas por remanescentes das comunidades dos quilombos de que trata o art. 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias. Brasília, DF: Planalto, 2003.

BRASIL. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana. Brasília, DF: Ministério da Educação, 2004.

ALENCASTRO, Luiz Felipe de. Parecer sobre a Arguição de Descumprimento de Preceito Fundamental, ADPF/186, apresentada ao Supremo Tribunal Federal.

GUINETO, Almir. *Caxambu*. Caxambu. Rio de Janeiro: Som Livre, 1986.

JANSEN, Roberta. “O último navio negreiro: destroços do brigue americano Camargo, que trouxe 500 escravos, são localizados em Angra”. O Globo. Rio de Janeiro, 14 de março de 2009.

JESUS, Clementina. *Taratá*. Marinheiro Só. Rio de Janeiro: Odeon, 1973.

TV Rio Sul, Programa Rio Sul Revista. Rio Claro, 28 de mar. de 2015. Conheça a história do comendador rei do café no Sul do Rio de Janeiro.

Unidade 7 – História. Da série Interações Pedagógicas. Rio de Janeiro: Canal Multirio, 2017. Programa de TV, Material Pedagógico.

Sites:

<https://www.vagalume.com.br>
<http://jongodaserrinha.org/historia-do-jongo-no-brasil/>
<https://dicionariompb.com.br/mano-eloi/biografia>
<http://observatoriodopatrimonio.com.br/site/index.php/itens-de-patrimonio/jongo>
<http://www.pontaojongo.uff.br/>
http://brevescafe.net/joaq_orei.htm
<https://globoplay.globo.com/v/4068970/>
http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/Jongo_patrimonio_imaterial_brasileiro.pdf